





O impacto da COVID-19 na economia do Norte em 2020 e a recuperação económica de 2021

Que diferenças face às crises económicas precedentes?









# Índice

# Introdução 4

- 1. O impacto da COVID-19 na economia do Norte em 2020 e as diferenças face às crises anteriores 5
- 1.1. O crescimento económico e horas de trabalho 5
- 1.2. Mercado de trabalho 8
- 1.3. Comercio Internacional 19
- 1.4.Turismo 24
- 1.5. Crédito e endividamento 25
- 2. A recuperação económica de 2021 27

Conclusões 28



## **Destaques**

- A taxa de desemprego do Norte aumentou de 6,7% para 6,8% entre 2019 e 2020, uma evolução insignificante face ao aumento acentuado de 8,6% para 17,1% entre 2008 e 2013, um período que incluiu a crise financeira global de 2009 e o Programa de Assistência Financeira (TROIKA).
- Em 2021 observou-se uma recuperação da atividade económica do Norte com a taxa de desemprego a diminuir para 6,2% no 3° trimestre de 2021. Ao mesmo tempo, evidenciando uma retoma plena, a população empregada do Norte no 3° trimestre de 2021 aumentou 4,2% face ao valor pré-pandemia (3° trimestre de 2019), traduzindo-se na criação líquida de mais 70 mil postos de trabalho.
- As exportações de bens do Norte diminuíram 10,1% em 2020, um valor que compara com uma queda de 18,3% em 2009 e com um crescimento de 7,0%, em média anual, entre 2011 e 2013. Neste quadro, a interrupção das cadeias de valor internacionais de 2020 e o risco de falência do sistema financeiro global de 2009 tiveram um impacto negativo nas exportações de bens do Norte que não foi observado durante a implementação do Programa de Assistência Financeira.
- Em 2021 registou-se uma forte recuperação do comércio internacional, com as exportações de bens do Norte a aumentarem 41,6% entre o 2º trimestre de 2020 (pico da crise sanitária) e o 3º trimestre de 2021. Em termos comparativos, o valor exportado no 3º trimestre de 2021 já é superior em 3,0% em relação ao valor anterior ao da crise pandémica.
- As dormidas nos estabelecimentos turísticos do Norte diminuíram 59,2% em 2020, em evidente contraste com ligeiros crescimentos de 0,5% em 2009 e de 3,1%, em média anual, entre 2011 e 2013. Desta forma, a atividade turística do Norte foi mais afetada pela crise pandémica do que pelas restrições impostas durante as crises económicas precedentes.
- Em 2021, as dormidas nos estabelecimentos de alojamento turístico do Norte aumentaram 43,9% entre os 3º trimestres de 2020 e 2021. Uma vez que o turismo foi o setor mais afetado, as dormidas no 3º trimestre de 2021 ainda são inferiores em 28,2% face ao valor pré-pandemia.



#### Introdução

A crise pandémica de 2020 foi diferente de todas as anteriores. As causas foram sanitárias, mas o impacto foi também económico, precisamente porque se deu primazia à defesa da saúde pública. Em Portugal, a queda do PIB em 2020 atingiu um valor historicamente elevado (8,4%) e no Norte, apesar de o valor ainda não ser conhecido, os sinais e os indicadores analisados apontam para uma queda expressiva.

Nas recessões económicas precedentes, as causas foram estritamente financeiras e económicas e decorrentes do elevado endividamento externo do país e de uma crise sistémica global do capitalismo, mas a magnitude das recessões foi bastante menor. Em 2009, o PIB do Norte baixou em 3,1% e durante a implementação do Programa de Assistência Financeira, vulgarmente conhecido por período da *TROIKA*, o PIB caiu 2,2%, em média anual, nos anos de 2011 a 2013.

A grande diferença entre a crise pandémica e as precedentes residiu, no entanto, na inércia do mercado de trabalho. Em razão de uma forte intervenção pública ao nível dos diferentes Estados-Membros da União Europeia, com a aplicação de medidas de apoio à manutenção dos postos de trabalho, nas quais se destacaram, no caso nacional, o *lay-off* simplificado e as moratórias de crédito, a taxa de desemprego do Norte apenas aumentou de 6,7% para 6,8% entre 2019 e 2020. Em termos comparativos, a taxa de desemprego entre 2008 e 2013 praticamente duplicou de 8,6% para 17,1%.

Não obstante o reduzido crescimento do desemprego durante 2020, a crise pandémica provocou efeitos assimétricos ao nível dos diferentes setores de atividade económica, assim como ao nível das pessoas e dos territórios. Desde logo, a restritividade social e as medidas de controlo da doença tiveram um impacto maior nas atividades que dependem do consumo local, incluindo o turismo. Ao mesmo tempo, resultante da reação dos agentes económicos às adversidades de uma conjuntura económica atípica e desconhecida, a crise pandémica induziu um aumento da procura de serviços associados a novas formas de distribuição de bens e serviços e a novos modos de organização empresarial, como o teletrabalho. Como estes serviços exigem recursos humanos mais

qualificados e com competências tecnológicas e digitais, alguns ramos de atividade pertencentes ao terciário superior observaram um crescimento significativo do emprego em contexto de crise.

Ora, a procura assimétrica de qualificações gerou um significativo aumento do emprego nos indivíduos com o ensino superior no Norte que foi acompanhado, em sentido contrário, pela redução do emprego nos outros níveis de escolaridade, incluindo o secundário e pós-secundário. Esta evolução tem oportunidades e ameaças. No lado das oportunidades estão a modernidade, o aumento da produtividade, o crescimento económico e a mudança estrutural, mas no lado das ameaças estão o desemprego estrutural e o desemprego de longa-duração, sendo que um leva ao outro. Mais precisamente, quando o ritmo da transformação económica e tecnológica não é acompanhado pelo ritmo das requalificações, os benefícios da modernidade e das novas tecnologias, na forma de rendimentos mais elevados, ficam mais concentrados nos recursos humanos qualificados e nos setores que oferecem essa transformação. Mesmo que as externalidades positivas possam alcançar toda a economia, as empresas vão continuar a procurar trabalho com maiores habilitações. Neste quadro, haverá, sempre, uma corrida entre a educação e a tecnologia, sendo que a coesão social e territorial sairá vencedora se a primeira igualar a segunda. Isto porque, através da difusão da educação, da formação e do conhecimento, os benefícios das transformações tecnológicas serão mais facilmente distribuídos pelas pessoas e pelos territórios.

Para além das consequências sociais inerentes à transição digital, a crise pandémica aumentou, sobretudo, o desemprego entre os trabalhadores mais jovens e com contratos mais precários e temporários. Esta evolução em contexto de crise foi frequente ao longo das várias recessões económicas e resultou de vários fatores que vão desde a precaridade dos contratos, a menor experiência, a menor formação acumulada, a menor produtividade e os menores custos de despedimento em resultado de salários mais reduzidos. Ainda assim, o impacto da crise pandémica no desemprego jovem foi inferior ao das duas crises precedentes, designadamente, a crise financeira global e a crise económica durante a implementação do Programa de Assistência Financeira. A taxa de desemprego jovem dos 15 aos



24 anos aumentou de 16,7% para 19,4% entre 2019 e 2020, uma evolução que compara com um aumento de 16,4% para 35,4% entre 2008 e 2013.

Para além dos impactos da crise pandémica no mercado de trabalho, esta publicação analisa também o seu efeito no comércio internacional de bens, no turismo e no mercado de crédito. O resultado mais surpreendente foi observado na evolução das exportações do Norte, que registaram uma queda muito menos significativa em 2020 do que durante a crise financeira internacional de 2009, o que leva a concluir que a economia aberta do Norte reagiu melhor à interrupção das cadeias de valor internacionais de 2020 do que ao risco de falência do sistema financeiro internacional de 2009.

Por fim, esta publicação termina com um capítulo referente à recuperação da economia em 2021, mostrando-se a evolução do emprego, desemprego, exportações e turismo.

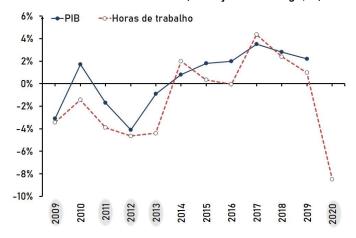
# O impacto da COVID-19 na economia do Norte em 2020 e as diferenças face às crises anteriores

## 1.1. O crescimento económico e horas de trabalho

A economia do Norte em 2020 terá observado a major recessão do período democrático em resultado do impacto negativo da crise pandémica. Apesar do valor do Produto Interno Bruto (PIB) e do crescimento económico ainda não serem conhecidos ao nível das NUTS II. outros indicadores de atividade económica. fortemente correlacionados com a evolução do PIB, registaram uma queda abrupta. Em particular, as horas de trabalho da população empregada¹ do Norte tiveram uma redução histórica de 8,5% em 2020, um valor que não tem comparação com quedas menos acentuadas em recessões precedentes. Em 2009 diminuíram 3,4% em plena crise financeira internacional, enquanto na recessão seguinte caíram 4,3%, em média anual, nos anos de 2011 a 2013, durante a implementação do Programa de Assistência Financeira.

<sup>1</sup> Uma vez que uma parte significativa da população empregada do Norte encontrava-se em *lay-off* durante a crise pandémica, uma forma de se medir a atividade económica, na ausência de A amplitude da recessão em 2020 ocorreu num quadro completamente novo em economias cada vez integradas à escala interregional internacional. A queda da atividade decorrente da pandemia Covid-19 não se tratou de um nova crise de endividamento nacional, nem da perda Norte competitividade do nos mercados internacionais. Tratou-se de um choque exógeno resultante de um problema sanitário global cujas conseguências se deram no lado da oferta, com o encerramento parcial ou total de alguns ramos de atividade económica, e no lado da procura com a diminuição do consumo, do investimento privado e das exportações de bens e serviços em consequência do confinamento obrigatório e das medidas de restritividade social.

Figura 1 - Comparação entre a evolução do PIB e das horas de trabalho no Norte (variação homóloga, %)



A natureza atípica da crise pandémica originou um impacto assimétrico nos diferentes setores de atividade do Norte. As reduções mais acentuadas foram observadas nos ramos que prestam serviços para os quais é imprescindível a presença física no ato do consumo, como é o caso da restauração e da hotelaria. Por outro lado, alguns ramos mais orientados para a prestação de serviços na área da economia digital, assim como o setor primário, tiveram um aumento da atividade em contexto de crise.

No primeiro grupo mencionado anteriormente, os ramos da fileira do turismo foram, destacadamente,

indicadores de produção, é através da evolução das horas de trabalho que foram efetivamente usadas para levar a cabo o fabrico de bens e a prestação de serviços. Aos trabalhadores em regime de *lay-off* não são contabilizadas horas de trabalho.



os mais afetados pela crise pandémica. As horas de trabalho no alojamento, restauração e similares diminuíram 27,3% em 2020 face ao ano anterior, tendo sido uma redução mais significativa do que nas recessões precedentes. Na crise financeira internacional de 2009, as horas de trabalho deste ramo diminuíram em 17,3%, enquanto no Programa de Assistência Financeira observou-se comportamento mais resiliente, com crescimentos em 2011 e 2013 e uma redução de 9,9% em 2012.

A atividade do ramo do comércio por grosso e a retalho, reparação de veículos automóveis e de motociclos também teve uma redução bastante mais acentuada durante a crise pandémica do que nas crises económicas antecedentes. As horas de trabalho deste ramo diminuíram 14,6% em 2020, um valor que compara com um aumento ligeiro de 1,2% em 2009. A deterioração da envolvente económica que se seguiu, caracterizada por um aumento significativo do desemprego e pela redução do poder de compra das famílias, provocou uma queda das trabalho horas de neste ramo durante implementação do Programa de Assistência Financeira. Em 2011 e em 2012 caíram 7,7% e 10,7%, respetivamente, período a seguir ao qual se observou um crescimento residual em 2013. No entanto, o impacto não se situou apenas pelos ramos do comércio (incluindo turismo). As indústrias transformadoras do Norte foram, de igual modo, bastante atingidas pela crise pandémica em resultado da interrupção parcial das cadeias de valor interregionais e internacionais e da diminuição acentuada do consumo privado e do investimento em Portugal e nos principais parceiros comerciais do Norte. Neste quadro, as horas de trabalho das indústrias transformadoras do Norte diminuíram 11,0% em 2020. Esta diminuição, num contexto marcado por uma enorme incerteza, foi mais acentuada do que a observada nas crises económicas anteriores. Em 2009, em plena crise financeira global, e numa envolvente marcada por uma profunda queda da procura externa dirigida a todos os países europeus, as horas de trabalho das indústrias transformadoras do Norte diminuíram em 7,0%. Os anos que se seguiram até 2013 não foram muito diferentes dos anteriores. As horas de trabalho deste ramo continuaram em queda em 2012 (-3,5%) e em 2013 (-7,4%), pese embora o crescimento da procura

externa durante a implementação do Programa de Assistência Financeira.

Alguns ramos do Norte conseguiram, no entanto, registar um aumento da atividade em contexto de crise pandémica. Nesse grupo, o setor primário – que integra a agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca – viu as horas de trabalho aumentarem 5,5% em 2020, devido a um crescimento da procura dirigida a este setor pelas grandes cadeias de distribuição, o que terá compensado a redução da procura por parte do ramo da restauração e hotelaria. Esta dinâmica positiva em 2020 contrastou com a contração da atividade nas crises precedentes. As horas de trabalho no setor primário diminuíram ligeiramente em 2009, para depois baixarem acentuadamente em 21,6% e em 18,6% nos anos de 2011 e 2013, respetivamente. Este período de menor atividade do setor primário coincidiu com uma fase da economia do Norte na qual se observou uma redução acentuada da procura interna, num quadro de estagnação do poder de compra dos consumidores decorrente da implementação do Programa de Assistência Financeira.

O crescimento das horas de trabalho no setor primário durante a crise pandémica terá sido, no entanto, uma dinâmica pontual e conjuntural, tendo em conta a tendência de redução que se vem a observar há alguns anos consecutivos, em resultado dos ganhos de produtividade deste setor e da mudança estrutural da economia do Norte, que tem implicado um aumento das horas de trabalho no setor terciário em detrimento do primário e secundário. No setor terciário observaram-se dinâmicas antagónicas nos diferentes ramos. Em destaque pela positiva, as horas de trabalho nas atividades de informação e de comunicação registaram um crescimento expressivo de 15,5% em 2020, após a estagnação do ano transato. A aceleração deste ramo em contexto de crise pandémica derivou de um aumento da procura de serviços digitais por parte das empresas, de forma a readaptarem os modelos de negócios para novas formas de distribuição dos seus produtos, dadas as restrições ao contacto físico. Para além desta razão de âmbito conjuntural, existem outros motivos que explicam o crescimento estrutural deste setor ao longo do tempo, assim como a sua maior resiliência em contexto de crise. Designadamente, verifica-se que a mudança estrutural da economia do Norte para



ramos de atividade mais inovadores está associada à procura de serviços prestados pelas atividades de informação e comunicação, a qual tende a ser menos sensível ao ciclo económico. Na recessão económica de 2009, as horas de trabalho nas atividades de informação e de comunicação aumentaram em 10,3%. Na recessão económica seguinte, entre 2011 e 2013, também se observaram acréscimos perto de dois dígitos, intercalados por uma ligeira redução em 2012. Existem assim evidências claras de que este setor tem vindo a crescer independentemente das recessões económicas na Região.

As atividades financeiras e de seguros do Norte também estiveram em destaque durante a crise pandémica, com as horas de trabalho a aumentarem 26,2% em 2020. Esta dinâmica de crescimento ocorreu após reduções sucessivas nos anos de 2017 a 2019, pelo que o nível de atividade registado em contexto de crise pandémica, apenas, é igual ao de 2016. Esta

Figura 2 - Horas de trabalho em ramos do setor primário e secundário do Norte (variação homóloga,%)

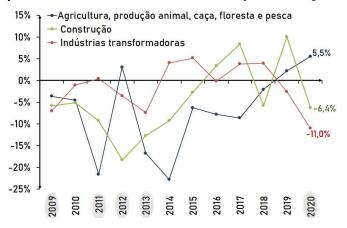
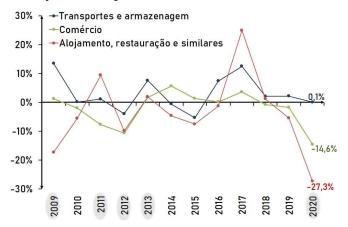


Figura 4 - Horas de trabalho em ramos indiferenciados do setor terciário do Norte (variação homóloga, %)



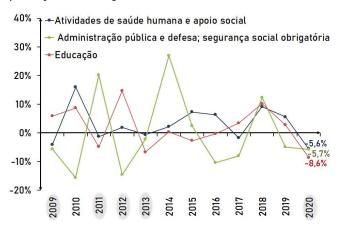
recuperação pontual contrasta com a redução que foi observada nas crises económicas transatas. Os problemas estruturais do ramo resultantes da diminuição dos rácios de solvabilidade e de uma menor procura de serviços financeiros após a crise do *subprime* explicam a menor robustez do setor. Em 2009, as horas de trabalho nas atividades financeiras e de seguros diminuíram em 15,0%. Entre 2011 e 2013, na recessão económica seguinte, coincidente com a Programa implementação do de Assistência Financeira, as horas de trabalho voltaram a cair na maioria dos anos. Em destaque, a redução foi muito acentuada em 2013.

Os setores onde predomina o emprego público (atividades de saúde humana e apoio social; administração pública e defesa, segurança social obrigatória; educação) registaram uma redução das horas de trabalho durante a crise pandémica. Importa destacar a diminuição na educação (-8,6%) em 2020,

Figura 3 - Horas de trabalho em ramos do terciário superior do Norte (variação homóloga, %)



Figura 5 - Horas de trabalho em ramos do terciário do Norte onde predomina o emprego público (variação homóloga, %)





Quadro 1 – horas de trabalho nas recessões económicas do Norte | variação homóloga (%)

	Crise Financeira Global	Programa de Ajustamento Financeiro (TROIKA)				Pandemia (COVID-19)
	2009	2011	2012	2013	(média anual) 2011-2013	2020
Norte-Total	-3,4%	-3,9%	-4,6%	-4,4%	-4,3%	-8,5%
Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	-3,6%	-21,6%	3,0%	-16,8%	-11,8%	5,5%
Indústrias transformadoras	-7,0%	0,4%	-3,5%	-7,4%	-3,5%	-11,0%
Construção	-5,9%	-9,2%	-18,3%	-12,7%	-13,4%	-6,4%
Comércio por grosso e a retalho, reparação de veículos, ()	1,2%	-7,7%	-10,7%	1,6%	-5,6%	-14,6%
Transportes e armazenagem	13,5%	1,1%	-4,0%	7,6%	1,6%	0,1%
Alojamento, restauração e similares	-17,3%	9,4%	-9,9%	1,9%	0,5%	-27,3%
Atividades de informação e de comunicação	10,3%	10,1%	-3,3%	8,2%	5,0%	15,5%
Atividades financeiras e de seguros	-15,0%	22,5%	-0,6%	-32,1%	-3,4%	26,2%
Atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares	1,8%	19,8%	-15,9%	18,1%	7,3%	-1,0%
Atividades administrativas e dos serviços de apoio	9,1%	-29,5%	-1,2%	12,5%	-6,1%	6,2%
Administração pública e defesa; segurança social obrigatória	-5,7%	20,2%	-14,6%	-2,2%	1,1%	-5,7%
Educação	5,9%	-4,8%	14,6%	-6,7%	1,0%	-8,6%
Atividades de saúde humana e apoio social	-4,2%	-1,3%	1,8%	-0,6%	0,0%	-5,6%
Atividades artísticas, de espetáculos, desportivas, ()	10,5%	44,9%	11,4%	-8,2%	16,0%	-14,3%

Fonte: INE, Inquérito ao Emprego

## 1.2. Mercado de trabalho 1.2.1. Emprego

Num contexto marcado por uma recessão económica profunda, a população empregada do Norte baixou em 4.125 indivíduos em 2020 face ao ano transato, o que se traduziu numa redução de, apenas, 0,2%. Esta ténue diminuição ficou a dever-se às medidas de apoio à manutenção do emprego que foram promovidas pelas autoridades nacionais, nas quais se destaca o regime *lay-off*. O número de trabalhadores do Norte abrangidos por esta medida manteve-se acima dos 325 mil ao longo da crise pandémica, o que permitiu evitar uma subida acentuada do desemprego na Região. Em 2020, o número de desempregodos do Norte foi de 125.325 e a taxa de desemprego situou-se em 6,8%, uma décima de pontos percentuais (p.p.) superior à de 2019.

A manutenção do emprego num nível elevado e o desemprego num valor reduzido face ao esperado, não têm comparação com a eliminação de postos de trabalho durante as recessões económicas anteriores. Durante a crise financeira global de 2009, marcada por uma redução significativa do comércio internacional em resultado do aumento da incerteza dos agentes económicos relativamente à

solvabilidade do sistema financeiro, o Norte perdeu cerca de 60 mil empregos em apenas um ano. Na recessão económica seguinte foram destruídos mais 151 mil empregos em três anos (inclui 2011 a 2013) durante o Programa de Assistência Financeira. A evolução negativa no conjunto das duas recessões económicas teve um impacto muito significativo na deterioração do mercado de trabalho da Região. A taxa de desemprego do Norte praticamente duplicou de 8,6% para 17,1% entre 2008 e 2013 e o número de desempregados aumentou para 319 mil nesse último ano.

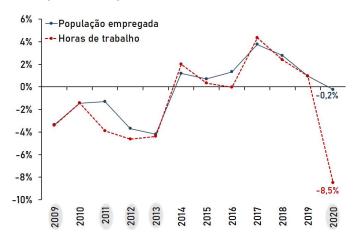
O elevado crescimento do desemprego nas duas crises anteriores esteve relacionado com a queda da atividade económica da Região num contexto em que as medidas de apoio não tiveram o alcance nem a eficácia das executadas durante a crise pandémica. Nesse período, o PIB em volume do Norte diminui, em termos acumulados, 7,9% entre 2008 e 2013, um valor que não deverá estar muito longe da recessão económica esperada para a Região em 2020, tendo em conta que as horas de trabalho diminuíram em 8,5%.

Dada a correlação histórica entre recessão económica e crescimento do desemprego é possível antecipar a evolução do mercado de trabalho num cenário de ausência de medidas de apoio ao emprego.



Nesse caso, perante a redução esperada da atividade económica do Norte em 2020, a taxa de desemprego do Norte iria convergir para um valor igual ou superior ao registado no pico da crise económica de 2013, e que correspondeu a 17,1%. Existe ainda uma agravante adicional no contexto atual que não foi observada no passado. Designadamente, a crise pandémica emergiu num quadro completamente diferente, caracterizado por fortes restrições à mobilidade setorial, interregional e internacional de pessoas, limitando a procura ativa de emprego por parte dos residentes na Região.

Figura 6 - Emprego e horas de trabalho do Norte (variação homóloga,%)



Pese embora as medidas de manutenção do emprego, a crise pandémica de 2020 provocou um impacto assimétrico nas economias, nos setores de atividade, nas pessoas e nos territórios. Os ramos da economia mais afetados pela crise pandémica foram os serviços do setor terciário para os quais é imprescindível a presença física dos consumidores no ato da compra, como é o caso do turismo. Nas pessoas, as de menor rendimento, os jovens e os trabalhadores com contrato a termo foram. destacadamente, os que perderam bem-estar, ao mesmo tempo que os territórios com estruturas produtivas orientadas para a atividade turística, incluindo toda a fileira (hotelaria, restauração, viagens, espetáculos, atividades recreativas) assistiram a uma queda mais acentuada do emprego. Esta evidência será analisada com maior detalhe em cada um dos subcapítulos que se seguem.

#### 1.2.1.1. Setores de atividade económica

Incluído na fileira do turismo, o ramo da restauração, hotelaria e similares viu a população empregada baixar 6,6% em 2020, o que se traduziu na perda líquida de 4.900 postos de trabalho face ao ano anterior. Esta evolução ocorreu num difícil. particularmente caracterizado encerramento temporário dos estabelecimentos e por um elevado número de trabalhadores do ramo em regime de lay-off. Este último fator evitou uma gueda ainda mais expressiva do emprego, uma vez que as horas efetivas de trabalho na restauração, hotelaria e similares diminuíram a um ritmo quatro vezes superior ao do emprego. Neste quadro, em termos prospetivos, o prolongamento da crise pandémica em 2021 poderá fazer aumentar de forma abrupta o desemprego neste ramo.

Comparado com as recessões económicas anteriores, a diminuição da população empregada na restauração, hotelaria e similares durante a crise pandémica foi inferior à observada durante a crise financeira global de 2009, na qual foram eliminados, em termos líquidos, 10.712 postos de trabalho, refletindo uma redução do emprego de 13,0% face a 2008. Após a absorção deste choque económico, o ramo da restauração, hotelaria e similares registou uma evolução mais favorável nos anos seguintes durante a implementação do Programa de Assistência Financeira. Nos anos de 2011 a 2013, a população empregada aumentou, ligeiramente, 0,8% em média anual, em contraciclo com a queda observada no emprego do Norte como um todo.

O ramo do comércio (grosso, retalho, reparação de veículos automóveis e de motociclos) também foi dos que mais beneficiou de apoios à manutenção do emprego em regime de *lay-off* durante a crise pandémica. Por essa razão, a população empregada diminuiu abaixo do esperado durante 2020, tendo sido liquidados cerca de 7.000 postos de trabalho, em termos líquidos (-2,8% face a 2019), num quadro de forte contração no volume de negócios e na atividade geral deste ramo.

Na comparação com as recessões económicas precedentes, a diminuição do emprego no comércio foi mais acentuada, apenas, durante a implementação do Programa de Assistência Financeira. Nessa fase, a população empregada neste ramo no Norte diminuiu



em 36.000 no conjunto dos três anos, representando uma redução de 5,0%, em média anual, entre 2011 e 2013. Este período foi marcado por uma estagnação do poder de compra dos salários líquidos e por um aumento significativo do desemprego, o que acabou por diminuir a despesa global das famílias em bens de consumo.

O emprego das indústrias transformadoras durante a crise pandémica registou uma queda menos acentuada do que a observada nas recessões económicas anteriores. Em 2020, a população empregada diminuiu 3,3%, tendo sido eliminados 14.350 postos de trabalho, em termos líquidos. Em 2009, em resultado de uma queda expressiva das exportações durante a crise financeira global, as indústrias transformadoras do Norte perderam 30.573 empregos num só ano, mais do dobro do que durante a crise pandémica de 2020. Os anos seguintes à crise de 2009 continuaram a ser adversos, com o emprego das indústrias transformadoras do Norte a observar uma nova redução. De 2011 a 2013 foram destruídos 41.853 postos de trabalho, em termos líquidos, num contexto em que aumentou a procura externa de bens transacionáveis. O problema das indústrias transformadoras neste período foi a queda da procura interna dirigida a este setor.

Alguns ramos de atividade do Norte tiveram, no entanto, um crescimento do emprego em ano de pandemia. Em destaque, os serviços do terciário superior mais intensivos em recursos humanos observaram aumentos qualificados bastante significativos. Em particular, as atividades de informação e comunicação viram a população empregada aumentar em 31,1% em 2020, tendo sido criados, em termos líquidos, 10.450 postos de trabalho, a maior expansão entre todos os ramos de atividade do Norte. A pandemia terá acelerado o processo de digitalização da economia numa magnitude que não tem comparação com a ligeira durante as recessões expansão económicas anteriores. Durante a crise financeira global de 2009, as atividades de informação e comunicação criaram 434 postos de trabalho, em termos líquidos, sendo que o número aumentou para cerca de 1.464, em média anual, nos anos de 2011 a 2013.

As atividades financeiras e de seguros também registaram um crescimento expressivo do emprego em contexto pandémico, em contraste com as

significativas reduções observadas nas crises económicas precedentes. Em 2020, o emprego aumentou em 38,6% face a 2019 (+ 8.700 postos de trabalho, em termos líquidos), uma evolução que compara com reduções expressivas em 2009 (-3.732) e nos anos de 2011 a 2013 (-5.172).

No cômputo geral, a crise pandémica de 2020 promoveu uma evolução antagónica na procura de emprego entre os diferentes setores de atividade. Os mais intensivos em recursos humanos qualificados pertencentes ao denominado terciário superior observaram um crescimento significativo do emprego que terá sido motivado pela aceleração da transição transição. Nesta algumas empresas pertencentes a ramos de atividade económica com modelos de negócio mais tradicionais, como o da restauração e comércio viram os seus canais de distribuição habituais interrompidos no decorrer da crise pandémica, induzindo-os a novas formas de comercialização através de plataforma eletrónicas. Outros setores de atividade, sobretudo, nos serviços mais avançados recorreram a novas formas de organização do trabalho, de comunicação e de formação. São exemplos desta mudança, o aumento acentuado do teletrabalho, as reuniões virtuais e o ensino à distância.

Em ambos os casos, seja nos setores mais complexos, como nos mais tradicionais, o perfil de qualificações do emprego deverá continuar a mudar durante os próximos anos. Esta mudança estrutural, agora acelerada durante a crise pandémica, transporta várias oportunidades, mas também ameaças relevantes.

Do lado das oportunidades, destacam-se o aumento da produtividade do trabalho e a redução de vários custos económicos associados à mobilidade de pessoas e de serviços, o que poderá originar uma nova organização do espaço e dar azo a novas tendências demográficas, tais como a dispersão da população para territórios de menor densidade e a redução dos custos de habitação nos centros urbanos de maior população.

No lado das ameaças, existe o risco do desemprego estrutural aumentar em resultado de um desalinhamento entre a oferta e procura de novas competências digitais e tecnológicas. Esta ameaça será tanto maior, quanto mais rápida for a transição



económica e quanto mais lenta for a dinâmica de reconversão da mão-de-obra disponível. Ao mesmo tempo, decorrente do processo de mudança, o desemprego estrutural tende a ser maior nos territórios mais intensivos em mão-de-obra pouco qualificada e para a qual não existem oportunidades suficientes de trabalho. Neste quadro, as ações de específica serão um instrumento importante para aumentar a empregabilidade dos recursos humanos nas economias em transição. Na sua ausência, o desemprego estrutural evoluiu para o desemprego de longa-duração e para a deterioração do capital humano que lhe está associado, levando, nuns casos, ao aumento do assistencialismo social, e noutros, à emigração.

Para se evitar a deterioração do capital humano e a emigração de recursos humanos com reduzida

Figura 7 - População empregada do Norte em ramos do setor primário e secundário (variação homóloga,%)

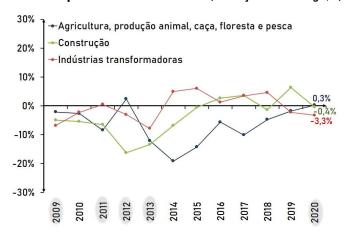
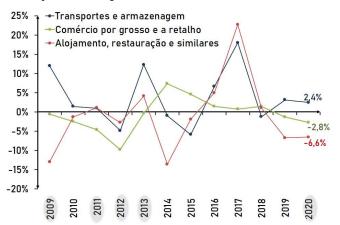


Figura 9 - População empregada do Norte em ramos indiferenciados do setor terciário

(variação homóloga,%)



empregabilidade, a política pública tem de ir além das ativas de emprego. Estas substanciadas em instrumentos como os apoios à contratação e à formação podem ser insuficientes num quadro de grandes e rápidas transformações económicas. A política pública deve também reforçar os apoios a empresas inseridas em ramos de atividade intensivos em trabalho e com curvas de aprendizagem reduzidas. Desta forma, o impacto da formação na empregabilidade será mais eficaz e de maior rapidez. De facto, após 2014, os ramos inseridos em toda a fileira do turismo e do comércio, assim como vários serviços de âmbito local, criaram empregos para absorver desempregados oriundos de atividades e empresas obsoletas. Esta mobilidade intersectorial evitou a deterioração do capital humano e o prolongamento do desemprego de longa-duração com externalidades positivas em vários domínios.

Figura 8 - População empregada do Norte em ramos do terciário superior (variação homóloga,%)

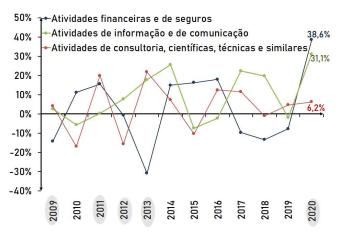
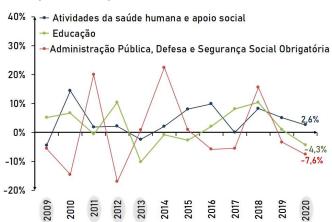


Figura 10 - População empregada do Norte em ramos onde predomina o emprego público (variação homóloga,%)





Quadro 2 – População empregada nas recessões económicas do Norte | variação homóloga (%)

	Crise Financeira Global	Programa de Assitência Financeira (TROIKA)				Pandemia (COVID- 19)
	2009	2011	2012	2013	(média anual) 2011-2013	2020
Norte-Total	-3,4%	-1,3%	-3,7%	-4,2%	-3,1%	-0,2%
Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	-2,1%	-8,4%	2,4%	-12,0%	-6,2%	0,3%
Indústria, construção, energia e água	-7,0%	-1,9%	-6,9%	-9,3%	-6,1%	-2,6%
Indústrias transformadoras	-6,8%	0,5%	-3,0%	-7,8%	-3,5%	-3,3%
Construção	-4,9%	-6,5%	-16,3%	-13,4%	-12,1%	-0,4%
Comércio por grosso e a retalho, reparação de veículos ()	-0,6%	-4,6%	-9,8%	-0,3%	-5,0%	-2,8%
Transportes e armazenagem	11,9%	1,0%	-4,9%	12,3%	2,5%	2,4%
Alojamento, restauração e similares	-13,0%	1,1%	-2,8%	4,1%	0,8%	-6,6%
Atividades de informação e de comunicação	2,6%	0,3%	7,7%	17,8%	8,3%	31,1%
Atividades financeiras e de seguros	-14,2%	15,5%	-0,7%	-30,8%	-7,4%	38,6%
Atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares	4,1%	19,9%	-15,7%	21,8%	7,2%	6,2%
Atividades administrativas e dos serviços de apoio	7,5%	-23,0%	-2,7%	16,4%	-4,5%	14,0%
Administração pública e defesa; segurança social obrigatória	-5,6%	20,0%	-17,0%	0,9%	0,2%	-7,6%
Educação	5,2%	-0,6%	10,4%	-10,2%	-0,5%	-4,3%
Atividades de saúde humana e apoio social	-4,4%	1,9%	2,1%	-2,4%	0,5%	2,6%
Atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas	7,1%	42,6%	15,1%	-5,3%	15,8%	2,1%
Outros serviços	-2,7%	-6,0%	11,4%	3,9%	2,9%	9,7%

Fonte: INE, Inquérito ao Emprego

Quadro 3 - Número de postos trabalho criados e eliminados, em termos líquidos, no Norte

	Crise Financeira Global	Programa de Assitência Financeira (TROIKA)				Pandemia (COVID- 19)
	2009	2011	2012	2013	(total) 2011-2013	2020
Norte-Total	-59 842	-22 157	-61 700	-67 650	-151 507	-4 125
Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	-4 609	-17 342	4 450	-23 275	-36 167	250
Indústria, construção, energia e água	-46 806	-11 601	-41 300	-51 375	-104 276	-15 300
Indústrias transformadoras	-30 572	1847	-12 450	-31 250	-41 853	-14 350
Construção	-9 578	-11 327	-26 600	-18 350	-56 277	-500
Comércio por grosso e a retalho, reparação de veículos ()	-1 541	-11 828	-23 875	-700	-36 403	-7 025
Transportes e armazenagem	5 096	467	-2 375	5 700	3 792	1 525
Alojamento, restauração e similares	-10 712	765	-1 975	2 850	1 640	-4 900
Atividades de informação e de comunicação	434	43	1 250	3 100	4 393	10 425
Atividades financeiras e de seguros	-3 732	3 878	-200	-8 850	-5 172	8 700
Atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares	2 252	9 357	-8 825	10 350	10 882	4 500
Atividades administrativas e dos serviços de apoio	2 615	-9 955	-900	5 325	-5 530	6 000
Administração pública e defesa; segurança social obrigatória	-3 986	11 515	-11 750	500	265	-5 425
Educação	5 625	-740	12 500	-13 525	-1 765	-6 125
Atividades de saúde humana e apoio social	-4 294	1 990	2 300	-2 650	1 640	3 925
Atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas	715	4 164	2 100	-850	5 414	525
Outros serviços	-2 124	-4 661	8 325	3 200	6 864	7 300

Fonte: INE, Inquérito ao Emprego



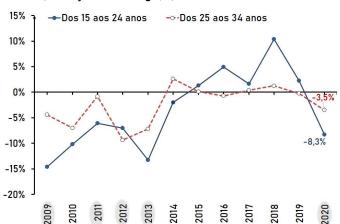
### 1.2.1.2. População empregada por grupo etário

A crise pandémica de 2020 afetou, sobretudo, o emprego da população mais jovem e com contratos de trabalho mais precários e temporários. A razão estrutural para a destruição de postos de trabalho ocupados pelos mais jovens prende-se, entre outros, com os menores custos de despedimento que as empresas incorrem com este grupo de trabalhadores (estes são os que auferem menores remunerações e os que têm menos anos de serviço nas empresas) e com o facto dos níveis de experiência serem mais reduzidos em comparação com os trabalhadores de maior idade.

Esta lógica estrutural associada à destruição de emprego na população jovem, em termos relativos, tem sido percetível ao longo das várias recessões económicas que atingiram o Norte. Durante a crise pandémica, em 2020, o emprego do grupo etário dos 15 aos 24 anos diminuiu em 8,3% face a 2019, ao mesmo tempo que o emprego global da economia do Norte, apenas, diminuiu em 0,2%. Nas recessões económicas anteriores, num contexto menos intervencionista por parte da política pública de emprego, a destruição líquida de postos de trabalho foi mais acentuada. O emprego jovem baixou em 14,6% em 2009 e nos três anos de recessão económica que se seguiram, de 2011 a 2013, a diminuição do emprego foi de 8,9%, em média anual.

Em termos absolutos, as diferenças ainda são mais reveladoras do impacto que as crises económicas anteriores tiveram no emprego jovem. Em particular, durante a crise pandémica foram destruídos, em termos líquidos, 9.700 postos de trabalho ocupados

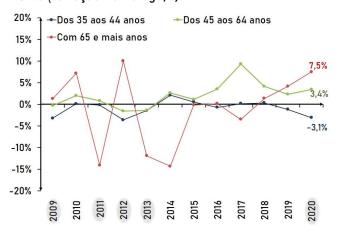
Figura 11 – Emprego nas populações mais jovens do Norte (variação homóloga,%)



por pessoas dos 15 aos 24 anos, um valor inferior ao registo nas recessões económicas transatas. Em 2009, a população empregada neste grupo etário baixou em 24.579 e nos três anos de crise durante a implementação do Programa de Assistência Financeira, o emprego jovem diminuiu em 31.396 indivíduos.

A crise pandémica de 2020 não atingiu apenas os mais jovens. O prolongamento da recessão económica ao longo dos estados de emergência reduziu a liquidez e a solvabilidade das empresas nos setores mais atingidos pela crise pandémica, de forma que a destruição do emprego também foi observada em grupos etários mais adultos. Este aumento do desemprego levanta problemas sociais que não são tão visíveis como noutras faixas etárias, tais como a dificuldade em satisfazer os encargos financeiros que resultam de agregados familiares com mais elementos e um maior risco em permanecerem desempregados por um período de tempo mais longo, com consequências negativas na deterioração do capital humano que foi sendo adquirido ao longo da atividade profissional. Ao mesmo tempo, de acordo com as expectativas associadas ao ciclo de vida, os indivíduos esperam uma maior estabilidade profissional e rendimentos mais elevados em fases da vida mais maduras, pelo que o desemprego e a queda das remunerações neste grupo da população provoca, também, danos significativos no foro Neste psicossocial. quadro. verifica-se com preocupação que o emprego na população do Norte dos 25 aos 34 anos e dos 35 aos 44 diminuiu em 3,5% e em 3,1%, respetivamente, em 2020.

Figura 12 – Emprego nas populações mais adultas do Norte (variação homóloga,%)





Numa dinâmica completamente oposta às anteriores, o emprego nos indivíduos dos 45 aos 64 anos teve um crescimento de 3,4% em 2020. Esta evolução em contraciclo resulta da combinação de contratos de trabalho mais estáveis e da maior proporção de trabalhadores *em* regime *lay-off* nesta faixa etária, assim como da maior experiência e formação acumulada ao longo da vida profissional. Esta maior resiliência tem sido observada ao longo das diferentes recessões económicas do Norte. Em 2009, o emprego nos indivíduos dos 45 aos 64 anos diminui 0,3%, enquanto na crise económica de 2011 a 2013, a queda foi, em média anual, de 0,7%.

# 1.2.1.3. População empregada por nível de escolaridade

A crise pandémica de 2020 tornou visível outras formas de assimetria, ao acelerar a transição digital e a procura de recursos humanos com níveis de escolaridade mais elevados. Em 2020, a população empregada com o ensino superior do Norte registou um aumento acentuado de 7,9% face a 2019, em contraste com o que foi apurado nos trabalhadores com um nível de escolaridade até ao 3º ciclo do ensino básico ou com o ensino secundário e pós-secundário completo, os quais viram o emprego diminuir em 3,7% e em 1,8%, respetivamente. Na seguência desta evolução, a dinâmica da economia do Norte em contexto de crise pandémica criou, em termos líquidos, 34,4 mil postos de trabalho para pessoas com o ensino superior, ao mesmo tempo que destruiu 38,6 mil empregos para os restantes níveis de escolaridade.

A assimetria na procura de qualificações observada em 2020 atingiu uma amplitude que não foi registada nas recessões económicas anteriores, sinal de que a dinâmica transformadora durante a crise pandémica poderá vir a ser disruptiva. De facto, o emprego criado para recursos humanos com o ensino superior foi bastante menor, quer na crise financeira global de 2009, como em cada um dos anos da recessão económica observada entre 2011 e 2013. No primeiro caso, o emprego criado para indivíduos com o ensino superior foi, em termos líquidos, de 14,9 mil e durante a implementação do Programa de Assistência Financeira foram criados, em média anual, 12,5 mil empregos.

As diferenças entre a crise pandémica e as anteriores não se cingiram, apenas, aos recursos humanos mais qualificados. Nas qualificações intermédias, ou seja, naquelas que dizem respeito a um nível de escolaridade equivalente ao secundário e póssecundário, observou-se uma redução do emprego durante a crise pandémica de 2020 (-8.300), em contraste com o crescimento verificado nas duas recessões anteriores (+13.807 em média anual). Como a natureza das recessões económicas anteriores era económico-financeira e não promoveu uma mudança relevante do ponto de vista tecnológico, o emprego dos indivíduos com o ensino secundário registou um crescimento. Neste quadro, a hipótese de uma aceleração da transição digital e tecnológica durante a crise pandémica de 2020 ganha maior credibilidade. Isto porque, tipicamente, os movimentos disruptivos induzidos por estas transições tendem a eliminar tarefas que necessitam de competências intermédias (ao nível do ensino secundário) em substituição das mais avançadas.

A redução do emprego estrutural nos indivíduos com um nível de escolaridade até ao 3º ciclo do ensino básico é outra tendência pesada que se vem a observar no Norte e que não está, neste caso, tão relacionada com o impacto dos choques tecnológicos, nem tampouco com o ciclo económico. A redução é o resultado de um esforço coletivo para aumentar significativamente as qualificações da população da Região e de Portugal, tendo sido implementadas medidas como a obrigatoriedade de se completar o ensino secundário.

Outra forte assimetria durante a crise pandémica está relacionada com a destruição de postos de trabalho nos indivíduos com contratos laborais mais precários, numa amplitude claramente superior à observada nas recessões económicas anteriores. Em 2020, o emprego com este tipo de contrato no Norte diminuiu em 18,1%, refletindo menos 43.350 postos de trabalho. Em 2009, o emprego com este tipo de contratos diminuiu em 16.068 e no acumulado de 2011 a 2013 a redução foi de 17.051.

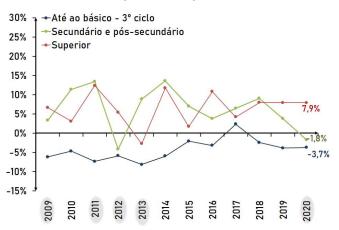
A maior queda do emprego nos trabalhadores com contrato a prazo em 2020 não resultou, necessariamente, de uma melhoria das condições laborais deste grupo através de uma transição para contratos de trabalho mais estáveis. Derivou,



sobretudo, da não renovação dos contratos a prazo em contexto de crise.

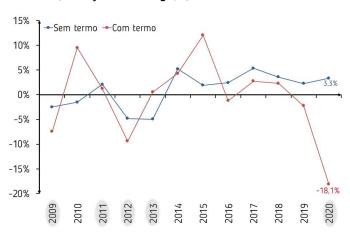
Em sentido inverso, o emprego com contratos de trabalho sem termo (vulgarmente denominados de tempo indeterminado) registaram um crescimento de 3,3% no ano de 2020. Esta evolução positiva durante a crise pandémica de 2020 esteve em evidente contraste com o que foi verificado nas recessões precedentes. O emprego com contratos sem termo diminuiu 2,5% em 2009 e 2,6%, em média anual, nos

Figura 13 - Emprego do Norte, por nível de escolaridade (variação homóloga,%)



anos de 2011 a 2013. Em termos prospetivos, num cenário de prolongamento da crise pandémica durante 2021, o emprego com contratos de trabalho mais estáveis tende a diminuir, porque as empresas antecipam uma recessão mais duradoura, ajustando em baixa a capacidade produtiva para um período mais longo. A história mais recente (crises económicas de 2009 e de 2011 a 2013) é evidência empírica deste mecanismo de ajustamento, com o emprego a diminuir em todos os tipos de contrato.

Figura 14 - Emprego do Norte, por tipo de contrato laboral (variação homóloga,%)



Quadro 4 – Evolução da população empregada por classes etárias, nível de escolaridade e contrato laboral (variação homóloga,%)

	Crise Financeira Global	Programa de Assistência Financeira (TROIKA)				Pandemia (COVID- 19)
	2009	2011	2012	2013	(média anual) 2011-2013	2020
População empregada - total	-3,4%	-1,3%	-3,7%	-4,2%	-3,1%	-0,2%
Dos 15 aos 24 anos	-14,6%	-6,1%	-7,0%	-13,3%	-8,9%	-8,3%
Dos 25 aos 34 anos	-4,4%	-0,8%	-9,3%	-7,2%	-5,9%	-3,5%
Dos 35 aos 44 anos	-3,2%	-0,2%	-3,6%	-1,5%	-1,8%	-3,1%
Dos 45 aos 64 anos	-0,3%	0,8%	-1,5%	-1,4%	-0,7%	3,4%
Com 65 ou mais	1,2%	-14,1%	10,0%	-11,9%	-5,9%	7,5%
Até ao básico - 3º ciclo	-6,2%	-7,4%	-5,9%	-8,2%	-7,1%	-3,7%
Secundário e pós-secundário	3,3%	13,4%	-4,1%	8,9%	5,8%	-1,8%
Superior	6,7%	12,4%	5,4%	-2,8%	4,8%	7,9%
Trabalhadores por conta de outrem:	-3,8%	1,9%	-5,5%	-3,8%	-2,5%	-0,6%
Sem termo	-2,5%	2,1%	-4,8%	-4,9%	-2,6%	3,3%
Com termo	-7,4%	1,2%	-9,4%	0,5%	-2,7%	-18,1%
Outro tipo (inclui prestação de serviços)	-15,8%	1,4%	-0,8%	2,5%	1,0%	-8,2%
Trabalhadores por conta própria	-1,3%	-10,3%	2,0%	-5,2%	-4,6%	1,2%
População empregada a tempo completo	-2,7%	-4,2%	-4,9%	-4,0%	-4,4%	0,4%
População empregada a tempo parcial	-8,4%	21,6%	3,5%	-5,3%	6,0%	-6,6%

Fonte: INE, Inquérito ao Emprego



Quadro 5 - Número de postos trabalho criados e eliminados, em termos líquidos, no Norte

	Crise Financeira Global	Programa de Assistência Financeira (TROIKA)				Pandemia (COVID- 19)
	2009	2011	2012	2013	(Total) 2011-2013	2020
População empregada - total	-59 842	-22 157	-61 700	-67 650	-151 507	-4 125
Dos 15 aos 24 anos	-24 579	-7 846	-8 550	-15 000	-31 396	-9 700
Dos 25 aos 34 anos	-19 524	-3 304	-36 475	-25 500	-65 280	-11 775
Dos 35 aos 44 anos	-15 285	-778	-16 575	-6 575	-23 928	-13 700
Dos 45 aos 64 anos	-1 688	4 896	-9 325	-8 525	-12 954	25 175
Com 65 ou mais	1 232	-15 074	9 175	-12 025	-17 924	5 825
Até ao básico – 3º ciclo	-82 301	-87 564	-64 550	-84 575	-236 689	-30 250
Secundário e pós-secundário	7 487	34 865	-12 200	25 075	47 740	-8 300
Superior	14 972	30 567	15 025	-8 100	37 492	34 425
Trabalhadores por conta de outrem:	-49 890	24 680	-71 050	-46 200	-92 570	-8 300
Sem termo	-26 130	21 310	-49 725	-48 425	-76 840	38 250
Com termo	-16 069	2 700	-20 825	1075	-17 051	-43 350
Outro tipo (inclui prestação de serviços)	-7 691	571	-325	1 050	1 296	-3 250
Trabalhadores por conta própria	-5 766	-41 957	7 400	-19 250	-53 807	3 350
População empregada a tempo completo	-42 505	-63 728	-69 850	-54 850	-188 428	6 825
População empregada a tempo parcial	-17 337	41 596	8 100	-12 750	36 946	-10 950

Fonte: INE, Inquérito ao Emprego

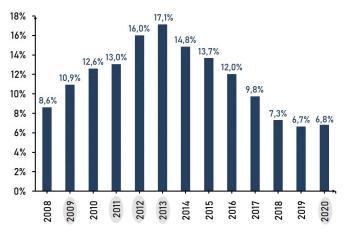
#### 1.2.2. Desemprego

O número de desempregados no Norte situou-se em 125.325 em 2020, refletindo um crescimento de 2,4% face ao valor do ano transato. Como mencionado anteriormente noutros indicadores do mercado de trabalho, o ténue aumento do desemprego num contexto extremamente recessivo ficou a dever-se, essencialmente, às medidas de apoio à manutenção dos postos de trabalho que foram implementadas pelas autoridades nacionais, onde se incluem os regimes de *lay-off* simplificado. Neste quadro de elevada proteção social, a taxa de desemprego do Norte situou-se em 6,8% em 2020, um valor apenas superior em 0,1 p.p. ao do ano transato.

Esta ténue evolução do desemprego em contexto de crise pandémica contrastou com o aumento expressivo nas recessões económicas precedentes. Em 2009, a população desempregada do Norte aumentou para 211.431 indivíduos e a taxa de desemprego fixou-se em 10,9%, mais 2,3 p.p. face ao ano antecedente. Após este aumento, a situação do mercado de trabalho voltou a agudizar-se durante a implementação do Programa de Assistência Financeira, de tal forma que a taxa de desemprego

cresceu sucessivamente, atingindo o valor de 17,1% em 2013. Em termos comparativos, o número de desempregados do Norte nesse ano ultrapassou os 300 mil, um valor duas vezes e meio superior ao de 2020.

Figura 15 - taxa de desemprego do Norte (%)



Ao nível dos diferentes grupos etários, a crise pandémica provocou um crescimento mais acentuado do desemprego junto da população mais jovem em resultado da maior precariedade deste grupo e de um menor acesso às medidas de proteção do emprego. Em 2020, a taxa de desemprego nos indivíduos dos 15

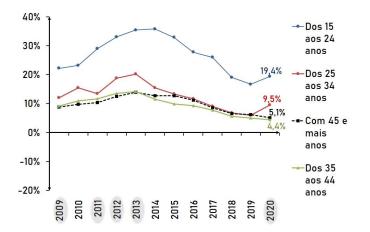


aos 24 anos foi de 19,4%. A dimensão do desemprego nesta faixa etária durante a crise pandémica foi, ainda assim, manifestamente inferior à das crises económicas precedentes. Em 2009, o valor da taxa de desemprego foi de 22,2% e em 2013 situou-se em 35,4%, um registo historicamente elevado, que só não atingiu uma dimensão superior devido à emigração observada de recursos humanos durante esse período.

Nas restantes faixas etárias, o impacto da crise pandémica de 2020 também foi menos acentuado em comparação com as recessões económicas anteriores. O grupo que tradicionalmente apresenta baixos níveis de desemprego – designadamente os indivíduos com a idade compreendida entre os 35 e os 44 anos – viu a taxa de desemprego situar-se em 4,4% em 2020, o que compara com um valor mais expressivo de 14,2% em 2013.

Sendo certo que os apoios públicos de proteção ao emprego durante a crise pandémica de 2020 evitaram um salto da taxa de desemprego nos grupos etários de maior idade para valores equivalentes aos das precedentes, fatores também crises outros contribuíram para um menor crescimento do desemprego. Em particular, a perceção de que a crise pandémica de 2020 podia ser temporária, sobretudo a partir da corrida internacional pela descoberta da vacina, permitiu às empresas manter os postos de trabalho e a capacidade instalada durante os períodos de confinamento obrigatório, de modo a ser possível dar resposta ao crescimento da procura nas fases de reabertura económica. Pelo contrário, a constatação de que as crises económicas anteriores tinham uma natureza mais duradoura desencadeou uma

Figura 16 – Taxa de desemprego do Norte, por grupo etário (%)



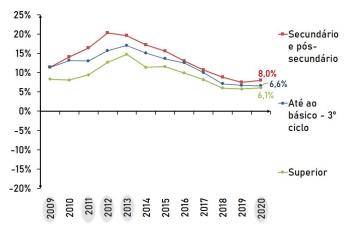
aceleração do desemprego em linha com o declínio da atividade económica.

A intervenção pública e a natureza temporária da crise pandémica de 2020 também foram decisivas para um menor crescimento do desemprego entre os indivíduos com diferentes níveis de escolaridade. Os recursos humanos mais qualificados, assim como os de nível intermédio e de menor escolaridade observaram taxas de desemprego bastante inferiores às das crises precedentes, o que permitiu evitar uma depreciação mais acentuada do capital humano.

Comparando-se, apenas, o valor durante a crise pandémica com o observado no último ano da crise económica de 2011 a 2013, a taxa de desemprego da população com o ensino superior do Norte foi de 6,1% em 2020, um valor claramente inferior aos 14,7% observados em 2013. No caso da população com o nível de escolaridade até ao 3° ciclo do ensino básico, as taxas de desemprego foram de 6,6% em 2020 e de 17,0% em 2013, sendo que a maior diferença foi observada nos recursos humanos com qualificações intermédias (ensino secundário e pós-secundário). A taxa de desemprego neste grupo foi de 8,0% em 2020 e de 19,5% em 2013.

Neste último grupo de qualificações (ensino secundário e pós secundário) observou-se um aumento, simultâneo, do emprego e do desemprego durante as crises económicas precedentes à crise pandémica. Esta evolução não é paradoxal, uma vez que apenas resultou de um crescimento muito significativo da população ativa com este nível de escolaridade, em parte, em resultado da obrigatoriedade de frequência até ao 12º ano.

Figura 17 – Taxa de desemprego do Norte, por nível de escolaridade (%)





As diferenças entre a crise pandémica e as recessões económicas anteriores não se esgotaram na esfera do desemprego entre os grupos etários e entre os níveis de escolaridade. Outras dimensões, como a duração do desemprego, também espelham diferenças assinaláveis. Em 2020, a proporção de desempregados há mais de um ano no Norte (desemprego de longa-duração) representava 42,3% do total da Região, um valor bastante inferior aos 64,4% observados em 2013.

O elevado desemprego de longa-duração observado em 2013, o último ano de recessão económica durante a implementação do Programa de Assistência Financeira, resultou de um aumento simultâneo do desemprego cíclico e do desemprego estrutural. No primeiro caso, a duração da recessão económica por um longo período de tempo causou uma queda permanente da procura de trabalho por parte das aumentando significativamente empresas, desemprego de natureza cíclica num contexto em que a oferta de trabalho (população ativa) não sofreu alterações profundas. No segundo caso, o aumento do desemprego de longa-duração resultou, também, de um crescimento do desemprego estrutural que decorreu da destruição de postos de trabalho em

ramos de atividade que empregam recursos humanos com níveis de escolaridade mais baixos. Como estes trabalhadores têm reduzida mobilidade intersectorial, acabaram por permanecer mais tempo no desemprego. Ao mesmo tempo, como existem custos significativos à emigração (custos de transporte e de deslocação, assim como custos culturais e sociais associados ao distanciamento nas famílias), muitos destes desempregados decidiram permanecer no país provocando um aumento do desemprego de longa-duração.

Em termos prospetivos, o prolongamento da crise pandémica durante 2021 e a aceleração do ritmo da transição digital que lhe está associada poderá aumentar o desemprego de longa duração relativo à componente cíclica e estrutural do desemprego. No primeiro caso (componente cíclica), os recursos humanos com bons níveis de empregabilidade podem permanecer desempregados porque a economia permanece num estado recessivo. No segundo caso (estrutural), o desemprego emerge porque as competências dos recursos humanos menos qualificados estão desalinhadas com o perfil exigido pelos empregadores.

Quadro 6 - Indicadores do desemprego no Norte

	Crise Financeira Global	nceira (TROIKA)				Pandemia (COVID- 19)
	2009	2011	2012	2013	(média anual) 2011-2013	2020
População desempregada (milhares)	211 431	251 075	306 925	319 325	292 442	125 325
População desempregada (variação anual, %)	26,1%	2,8%	22,2%	4,0%	9,4%	2,4%
Taxa de desemprego total (%)	10,9%	13,0%	16,0%	17,1%	15,4%	6,8%
Dos 15 aos 24 anos	22,2%	29,0%	33,0%	35,4%	32,3%	19,4%
Dos 25 aos 34 anos	12,0%	13,5%	18,8%	20,2%	17,4%	9,5%
Dos 35 aos 44 anos	9,2%	11,6%	13,6%	14,2%	13,1%	4,4%
Dos 45 e mais anos	8,7%	10,3%	12,5%	13,9%	12,2%	5,1%
Dos 15 aos 64 anos	11,5%	13,7%	16,8%	18,0%	16,1%	7,1%
Dos 20 aos 64 anos	11,2%	13,0%	16,2%	17,4%	15,5%	6,8%
Taxa de desemprego, por nível de escolaridade completo (%)						
Até ao básico – 3º ciclo	13,0%	13,0%	15,7%	17,0%	15,2%	6,6%
Secundário e pós-secundário	16,4%	16,4%	20,3%	19,5%	18,8%	8,0%
Superior	9,4%	9,4%	12,7%	14,7%	12,3%	6,1%
Proporção de desempregados de curta-duração %	50,7%	45,0%	42,9%	35,6%	40,8%	57,7%
Proporção de desempregados de longa-duração %	49,3%	55,0%	57,1%	64,4%	59,2%	42,3%
População (15 aos 34) sem emprego, educação ou formação	14,2%	13,8%	16,0%	17,2%	15,6%	11,4%

Fonte: INE, Inquérito ao Emprego



#### 1.3. Comercio Internacional

# 1.3.1. A crise pandémica de 2020 e a crise financeira global de 2009

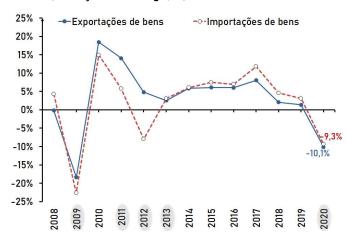
Não obstante a maior restritividade social e a interrupção temporária das cadeias de valor internacionais, as exportações de bens do Norte durante a crise pandémica registaram uma redução menos acentuada do que durante a crise financeira global. Em termos comparativos, as exportações de bens do Norte diminuíram 10,1% em 2020, um valor que compara com uma redução de 18,4% em 2009.

A maior resiliência das exportações durante a crise pandémica de 2020 esteve associada à manutenção parcial da capacidade produtiva das empresas do Norte, o que permitiu aumentar a produção e as exportações nos meses seguintes aos períodos de confinamento obrigatório, os quais coincidiram com a reabertura das cadeias de valor internacionais. A referida manutenção da capacidade instalada derivou da expectativa criada por parte das empresas que a crise económica seria alicerçada numa recuperação de tipo "V", com um queda abrupta durante o estado de emergência e uma forte recuperação nas fases seguintes.

Ao mesmo tempo, esta expectativa terá sido reforçada por um conjunto de medidas de apoio ao emprego e às empresas que foi implementado em Portugal e nos restantes países europeus, assim como pela divulgação dos montantes previstos no Plano de Recuperação e Resiliência e no Quadro Comunitário de Apoio (2021-2027), os quais representam um aumento muito expressivo face aos quadro comunitários anteriores. Em 2009, pelo contrário, num contexto económico diferente, marcado por um aumento significativo da aversão ao risco decorrente da falência de instituições financeiras internacionais e de muitas empresas pertencentes aos setores da economia real, observou-se uma interrupção duradoura do comércio internacional e da procura externa, provocando uma redução mais acentuada das exportações de bens, tanto no Norte, como na generalidade das regiões nacionais e europeias.

Pese embora a maior resiliência das exportações do Norte durante a crise pandémica de 2020, alguns produtos específicos observaram, no entanto, um pior

Figura 18 - Exportações e importações de bens do Norte (variação homóloga, %)



desempenho em 2020 do que em 2009. Em particular, decorrente do encerramento do comércio interno em cada um dos países e do aumento da restritividade social durante os períodos de confinamento, as exportações de bens de consumo do Norte registaram uma diminuição de 10,5% em 2020, um valor que compara com uma redução menos acentuada de 7,5% em 2009.

Entre os bens de consumo que integram a estrutura internacional da Região, a crise pandémica provocou uma redução mais significativa nas exportações de produtos com forte implementação no Norte. Designadamente, as exportações de vestuário e seus acessórios de malha registaram uma redução de 13,5% em 2020, contra uma diminuição de 9,1% em 2009. A evolução do *cluster* do calçado foi ainda mais negativa em contexto de crise pandémica, com as exportações a diminuírem 17,0% em 2020, um valor que compara com uma diminuição de 5,3% no ano de 2009. No cluster dos móveis, mobiliário médicocirúrgico, colchões e outros bens deste segmento, maioritariamente composto por bens de consumo, as exportações caíram 13,8% em 2020 e apenas 3,1% em 2009.

A crise pandémica foi uma crise do consumo, originando uma redução expressiva das exportações de bens finais e das exportações de serviços associados à fileira do turismo. Noutras classes de bens, no entanto, não teve um impacto tão negativo. Em particular, e elucidativo de que a interrupção das cadeias de valor internacionais não atingiu a dimensão que se antecipava, as exportações de bens



intermédios do Norte, as quais representam mais de metade do total da Região, registaram uma diminuição de 9,3% em 2020, um valor claramente inferior à redução observada em 2009 (26,5%) durante a crise financeira global.

A menor queda das exportações de bens intermédios do Norte durante a crise pandémica de 2020 terá ficado a dever-se, pelo menos, a dois fenómenos que se complementam. No primeiro, num cenário de risco acrescido relativamente à interrupção das cadeias de fornecimento à escala global, os clientes internacionais das empresas da Região aumentaram a acumulação de *stocks* de bens intermédios, de forma a manter os níveis de produção num patamar elevado nas fases de reabertura da economia.

A este motivo de precaução relativamente à interrupção das cadeias de valor internacionais juntou-se um outro que justificou a maior resiliência das exportações de bens intermédios. A economia do Norte construiu vantagens comparativas relevantes em *clusters* associados à produção de bens intermédios, o que permitiu responder rapidamente aos novos picos de procura durante o ano de 2020.

Desde logo, as exportações de bens a partir do *cluster* dos veículos automóveis, suas partes e acessórios – no qual os componentes têm uma predominância elevada – observaram uma redução de 7,1% em 2020, contra uma diminuição mais expressiva de 10,8% em 2009. A discrepância mais evidente foi observada no *cluster* composto pelas máquinas, aparelhos e materiais elétricos, com as exportações deste segmento a diminuírem 15,5% em 2020, um valor que compara com uma redução bastante mais acentuada em 2009 (53,7%).

A interrupção dos mercados internacionais durante a crise pandémica também determinou a evolução das importações de bens do Norte, as quais observaram uma redução de 9,3% em 2020. Em termos comparativos, esta diminuição foi menos aguda do que a registada durante a crise financeira global de 2009, na qual as importações da Região caíram em 22,6%.

Uma leitura mais fina por grandes grupos económicos revela que a crise pandémica e a crise financeira global provocaram impactos assimétricos na evolução dos diferentes bens importados. Em contexto de crise pandémica e num quadro marcado

por uma forte recessão económica, as importações de bens de capital do Norte diminuíram, apenas, 2,8% em 2020, um valor que compara com uma redução mais expressiva de 15,2% em 2009. Como esta classe de bens é destinada ao investimento e está, geralmente, associada à transferência internacional de tecnologia incorporada em bens como máquinas e outros equipamentos, a crise pandémica não terá provocado uma inversão significativa na tendência de absorção tecnológica da Região. O mesmo não se pode dizer da crise financeira global, tendo em conta a redução acentuada que ocorreu nas importações de bens de capital.

De igual modo, em termos comparativos, as importações de bens intermédios da Região, as quais representam cerca de 2/3 do total do Norte, observaram uma diminuição menos acentuada na crise pandémica do que na crise financeira global. No primeiro caso, em 2020, diminuíram 11,9% e no segundo, em 2009, baixaram em 29,4%. A evolução menos negativa das importações de bens intermédios do Norte durante a crise pandémica permitiu à Região manter-se ativa nas cadeias de valor internacionais e continuar a transformar os recursos em produtos finais.

No Norte, não obstante a menor redução das exportações de bens em 2020 do que nas recessões económicas anteriores, existem sinais de que o valor global das exportações da Região (mercadorias e serviços) terá diminuído numa medida próxima da observada em 2009. Isto porque, as exportações de serviços do Norte, depois de alcançarem uma importância acrescida ao longo dos últimos anos, sobretudo através dos serviços turísticos (incluindo viagens), observaram uma redução muito expressiva em 2020. Os principais indicadores de atividades dos estabelecimentos turísticos do Norte assim o indicam ao observarem quedas na ordem dos 60% em 2020, com a particularidade de as dormidas de hóspedes não residentes ter sido o indicador que mais diminuiu.

Neste quadro, em 2020, a redução global das exportações de bens e serviços terá sido superior a 10,2%, pelo que, a contração da procura externa terá provocado um decréscimo significativo na criação de riqueza do Norte. De facto, em 2019, antes da crise pandémica, cerca de 46,5% do PIB do Norte (estimativa da CCDR-NORTE) resultava de exportações de bens e serviços.



Figura 19 - Exportações bens do Norte, por Grandes Grupos Económicos (variação homóloga,%)

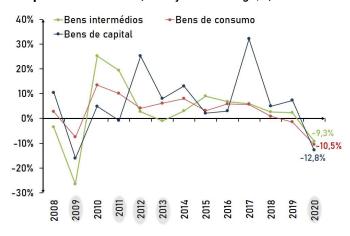


Figura 21 - Exportações bens do Norte, por Nomenclatura combinada (variação homóloga,%)

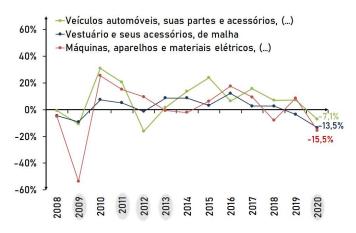


Figura 23 - Exportações bens do Norte, por Nomenclatura combinada (variação homóloga,%)

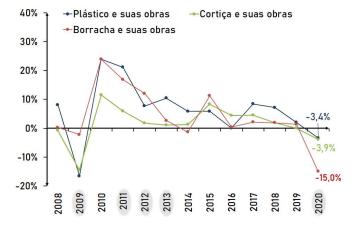


Figura 20 - Importações de bens do Norte, por Grandes Grupos Económicos (variação homóloga,%)

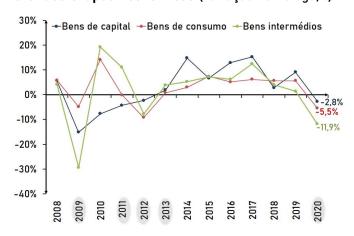


Figura 22 - Exportações de bens do Norte, por Nomenclatura combinada (variação homóloga,%)

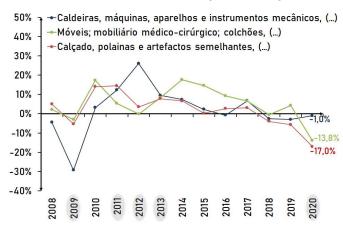
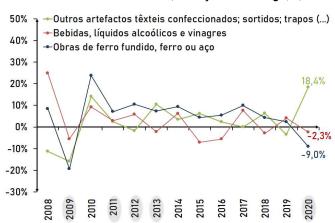


Figura 24 - Exportações de bens do Norte, por Nomenclatura combinada (variação homóloga,%)





## 1.3.2. A implementação do Programa de Assistência Financeira

As exportações de bens do Norte durante a implementação do Programa de Assistência Financeira observaram uma recuperação após a redução observada durante a crise financeira global de 2009. Para além deste efeito base associado a uma queda sem precedentes do comércio internacional nesse ano, outros fatores económicos foram importantes para a retoma das exportações do Norte nos anos seguintes (2011 a 2013). Desde logo, a forte contração da procura interna - decorrente da implementação de medidas de austeridade para controlar o défice público durante o Programa de Assistência Financeira - incentivou a reorientação da produção para novos mercados externos, de modo que as exportações de bens do Norte aumentaram, em média anual, 7,0% entre 2011 e 2013.

Por grandes grupos económicos, as exportações de bens de capital foram as mais dinâmicas entre 2011 e 2013, ao observarem um crescimento médio anual de 10,3% durante esse período. Este aumento mais do que compensou a redução significativa que tinha sido observada nesta classe de bens durante a crise financeira global, pelo que a Região conseguiu aumentar a importância relativa deste tipo de bens na sua especialização internacional. Este crescimento foi importante para a afirmação do Norte como uma região inovadora, visto que as exportações de bens de capital são. essencialmente. máguinas equipamentos, as quais incorporam tecnologias avançadas e recursos humanos qualificados. Nos restantes grupos económicos, as exportações de bens intermédios e de bens de consumo aumentaram, em ambos os casos, em média anual, 6.7% entre 2011 e 2013.

O crescimento das exportações de bens do Norte durante a implementação do Programa de Assistência Financeira coincidiu com um período de estagnação das importações de bens em resultado da redução do poder de compra dos consumidores e da menor propensão importadora das empresas. Entre 2011 e 2013, as importações de bens do Norte mantiveramse praticamente constantes (+0,1% em média anual), pese embora as diferentes dinâmicas de crescimento e de redução observadas ao nível dos produtos.

As importações de bens de consumo e de capital registaram ligeiras diminuições, em média anual, de 3,0% e de 1,6%, nos anos de 2011 a 2013, enquanto as importações de bens intermédios observaram um ligeiro crescimento (+2,0% em média anual).

Em termos conclusivos, a evolução do comércio internacional do Norte ao longo das crises económicas em estudo teve um comportamento diferenciado em razão da natureza da crise económica. Na crise financeira global de 2009, o crescimento da incerteza acerca da solvabilidade do sistema financeiro mundial provocou uma redução muito significativa das exportações e importações de bens do Norte. Após esse período, durante a implementação do Programa de Assistência Financeira, as exportações do Norte cresceram a um ritmo elevado ao mesmo tempo que as importações estagnavam. Aqui o mecanismo de ajustamento foi, sobretudo, a procura de novos mercados externos para contornar a contração da procura interna. Por último, durante a pandemia de 2020 e pese embora as elevadas restrições ao comércio internacional, as exportações e as importações de bens tiveram uma queda menor do que a ocorrida durante a crise financeira global. Neste caso, o mecanismo para uma queda menos acentuada foi a forte recuperação das exportações nas fases de reabertura da economia.

Em termos prospetivos, tendo em conta as lições da história mais recente, existem condições estruturais no Norte para uma retoma robusta das exportações de bens nos próximos anos. A Região tem experimentado recuperações significativas após recessões económicas profundas, usando o seu elevado grau de abertura para expandir a atividade económica durante os períodos de retoma. A formação desta expectativa também se alicerça nos instrumentos de política pública e industrial que estão a ser desenhados no sentido de reforcar a competitividade da economia do Norte e de melhorar o posicionamento nas cadeias de valor internacionais. Tal implica criar valor nas etapas de produção e distribuição nas quais o Norte tem vantagens comparativas, no sentido de melhorar as margens e a remuneração dos diferentes fatores produtivos. Ao mesmo tempo, tendo em conta a dimensão do Norte possível diversificar а especialização internacional sem perder escala para competir nos mercados internacionais.



Quadro 7 - Indicadores do comércio internacional do Norte | variação homóloga (%)

	Crise Financeira Global	Programa de Assistência Financeira (TROIKA)			Financeira	Pandemia (COVID- 19)
	2009	2011	2012	2013	(média anual)	2020
Norte						
Exportações	-18,4%	14,1%	4,8%	2,5%	7,0%	-10,1%
Importações	-22,6%	5,8%	-8,0%	3,1%	0,1%	-9,3%
Exportações do Norte, por Grandes Grupos Económicos						
Bens de capital	-16,0%	-0,8%	25,1%	8,0%	10,3%	-12,8%
Bens intermédios	-26,5%	19,4%	2,7%	-1,0%	6,7%	-9,3%
Bens de consumo	-7,5%	10,0%	4,1%	6,1%	6,7%	-10,5%
Exportações do Norte, por Nomenclatura Combinada						
Veículos automóveis, suas partes e acessórios, ()	-10,8%	20,7%	-16,2%	1,6%	0,9%	-7,1%
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, ()	-53,7%	15,2%	9,6%	-0,6%	7,8%	-15,5%
Vestuário e seus acessórios, de malha	-9,1%	5,1%	-1,2%	8,8%	4,1%	-13,5%
Calçado, polainas e artefactos semelhantes, ()	-5,3%	14,5%	3,5%	7,8%	8,5%	-17,0%
Móveis; mobiliário médico-cirúrgico; colchões, ()	-3,1%	5,3%	-0,2%	8,3%	4,4%	-13,8%
Caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, ()	-29,3%	12,3%	26,0%	9,4%	15,7%	-1,0%
Plástico e suas obras	-16,6%	21,1%	7,7%	10,5%	12,9%	-3,4%
Cortiça e suas obras	-14,4%	6,0%	1,8%	1,1%	2,9%	-3,9%
Borracha e suas obras	-2,2%	16,8%	12,0%	2,7%	10,3%	-15,0%
Obras de ferro fundido, ferro ou aço	-19,3%	7,1%	10,5%	7,3%	8,3%	-9,0%
Outros artefactos têxteis confeccionados; sortidos; trapos ()	-15,9%	2,5%	-1,7%	10,4%	3,6%	18,4%
Instrumentos e aparelhos de ótica, fotografia, ()	-10,0%	17,3%	7,2%	0,1%	8,0%	-12,3%
Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	-5,5%	2,9%	5,8%	-2,1%	2,2%	-2,3%
Vestuário e seus acessórios, exceto de malha	-14,8%	3,4%	6,6%	-2,4%	2,5%	-26,4%
Alumínio e suas obras	-23,9%	16,0%	3,9%	6,9%	8,8%	-0,9%
Ferro fundido, ferro e aço	-46,7%	60,6%	1,9%	-11,3%	13,2%	-22,4%
Importações do Norte, por Grandes Grupos Económicos						
Bens de capital	-15,2%	-4,3%	-2,3%	1,9%	-1,6%	-2,8%
Bens intermédios	-29,4%	11,0%	-7,8%	3,8%	2,0%	-11,9%
Bens de consumo	-4,8%	-0,1%	-9,2%	0,7%	-3,0%	-5,5%
Importações do Norte, por Nomenclatura Combinada						
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, ()	-44,0%	9,2%	-11,8%	-7,8%	-3,9%	-4,2%
Caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, ()	-19,5%	-5,0%	-1,7%	9,0%	0,6%	-8,1%
Plástico e suas obras	-18,9%	10,7%	-3,7%	7,6%	4,7%	-6,9%
Veículos automóveis, suas partes e acessórios, ()	-26,2%	-0,9%	-19,0%	13,6%	-3,0%	-22,7%
Ferro fundido, ferro e aço	-46,6%	15,6%	-13,3%	8,3%	2,7%	-8,1%
Produtos diversos das indústrias químicas	-20,7%	19,5%	-17,4%	-18,8%	-7,1%	-0,6%
Algodão	-20,7%	3,2%	-16,5%	26,5%	2,9%	-14,9%
Obras de ferro fundido, ferro ou aço	-34,7%	-4,9%	-10,7%	3,1%	-4,3%	-3,2%
Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados	-18,6%	9,1%	-1,4%	-4,6%	0,9%	-18,3%
Móveis; mobiliário médico-cirúrgico; colchões, ()	-10,3%	0,3%	-18,7%	-7,1%	-8,9%	-11,8%
Borracha e suas obras	-20,7%	25,4%	-2,2%	0,8%	7,3%	-10,5%
Alumínio e suas obras	-31,3%	3,2%	-14,9%	5,5%	-2,5%	-16,4%
Carnes e miudezas, comestíveis	10,5%	-1,1%	-5,8%	7,0%	-0,1%	-4,1%
Papel e cartão; obras de pasta de celulose,()	-11,4%	5,4%	-10,6%	2,0%	-1,3%	-11,8%
Instrumentos e aparelhos de ótica, fotografia, ()	-22,1%	-9,6%	-1,8%	1,2%	-3,5%	-0,1%

Fonte: INE, Estatísticas do Comércio Internacional



## 1.4. Turismo

O turismo foi um dos setores mais afetados pela crise pandémica de 2020, com quebras sem precedentes nos principais indicadores em resultado das medidas de segurança e de restrição à circulação que foram sendo implementadas para conter a propagação do vírus. Neste quadro, em 2020, o impacto da COVID-19 no setor do turismo foi manifestamente superior ao impacto das recessões económicas anteriores, nas quais o setor mostrou-se mais resiliente, com crescimentos ligeiros nos principais indicadores.

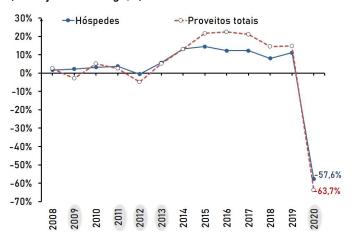
aumento da restritividade social condicionantes à realização de viagens turísticas apenas se começaram a sentir a partir de março de 2020. Ainda assim, foram suficientes para deteriorar significativamente os resultados de um ano inteiro. Para o conjunto de 2020, o Norte registou uma diminuição de 57,6% no número de hóspedes e de 59,2% no total de dormidas realizadas nos estabelecimentos turísticos da Região. Esta evolução negativa, num único ano, anulou o crescimento acentuado que tinha sido acumulado ao longo de uma década nos principais indicadores. O número de hóspedes e de dormidas do Norte em 2020 recuaram para valores inferiores aos de 2010, fixando-se em 2,5 milhões e 4,4 milhões, respetivamente. Note-se, porém, que estes valores só não foram mais reduzidos em 2020, porque a Região observou uma melhoria da atividade turística nos meses seguintes aos períodos de confinamento obrigatório.

Relativamente às receitas em 2020, observaram-se quebras ainda mais significativas, com os estabelecimentos turísticos do Norte a registarem variações de -63,7% nos proveitos totais e de -64,6% nos proveitos de aposento. Dadas as condicionantes à realização de viagens internacionais, a crise pandémica alterou a dimensão relativa dos países emissores de turistas. O mercado nacional tornou-se predominante no turismo da Região em substituição do mercado externo. Em 2020, a proporção de dormidas de não-residentes nos estabelecimentos turísticos do Norte foi de 37,8%, um valor que compara com 60,1% no ano anterior.

Nas crises anteriores, no entanto, os indicadores de turismo do Norte, mostraram-se resilientes e em

Figura 25 – Hóspedes e proveitos totais dos estabelecimentos turísticos do Norte

(variação homóloga,%)



contraciclo com a recessão económica da Região. Na crise financeira global de 2009, a afluência aos estabelecimentos turísticos apresentou uma dinâmica positiva, com o número de hóspedes a crescer 2,2% e as dormidas a aumentar em 0,5%. Nesse período, os dados menos positivos foram na ótica da receita, uma vez que os proveitos totais e de aposento diminuíram 2,9% e 1,9%, respetivamente. A redução de hóspedes não residentes com maior poder de compra terá explicado a queda dos proveitos durante a crise financeira global de 2009.

Após 2009, o bom desempenho do setor do turismo do Norte em contexto de crise também foi observado durante o período em que vigorou o Programa de Assistência Financeira, pese embora se tenham observado dinâmicas anuais distintas na atividade turística do Norte em função do ciclo económico. Ao longo dos três anos em análise, apenas o ano de 2012, marcado pela maior queda do PIB da Região nesse período (-4,1%), apresentou variações homólogas negativas nos indicadores mais importantes do turismo: os proveitos totais e de aposento registaram variações de -4,9% e -2,6%, respetivamente.

Apesar da contração em 2012, no cômputo global dos anos em que o país esteve dependente do Programa de Assistência Financeira, a atividade turística saldou-se por uma evolução positiva. No período em causa (2011-2013), e em termos médios anuais, os hóspedes e as dormidas nos estabelecimentos de alojamento turístico do Norte cresceram 2,9% e 3,1%, enquanto os proveitos totais e de aposento apresentaram uma variação positiva de 0,8% e 1,9%, respetivamente.



Quadro 8 - Indicadores do turismo do Norte | variação homóloga (%), exceto quando referido

	Crise Financeira Global	Prog	Pandemia (COVID-19)			
	2009	2011	2012	2013	(média anual) 2011-2013	2020
Norte						
Hóspedes	2,2%	3,8%	-0,6%	5,7%	2,9%	-57,6%
Dormidas	0,5%	2,5%	-0,1%	7,1%	3,1%	-59,2%
Dormidas de residentes	4,1%	0,2%	-2,4%	3,2%	0,3%	-36,3%
Dormidas de não residentes	-5,8%	6,4%	3,6%	13,1%	7,6%	-74,3%
Proveitos totais	-2,9%	2,5%	-4,9%	5,1%	0,8%	-63,7%
Proveitos de aposento	-1,9%	2,1%	-2,6%	6,2%	1,9%	-64,6%
Proveitos de aposento por quarto (euros)	21,6	22,5	21,1	22,5	21,7	19,0
Taxa líquida de ocupação-cama (%)	30,9%	32,1%	31,0%	31,0%	31,4%	22,1%
Proporção de hóspedes estrangeiros (%)	34,5%	38,1%	39,5%	41,7%	39,8%	37,8%

Fonte: INE, Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e Outros Alojamentos

#### 1.5. Crédito e endividamento

A evolução do mercado de crédito ao longo do ano de 2020 refletiu as medidas que foram implementadas pelas autoridades nacionais, no sentido de atenuarem-se os efeitos negativos da atual crise económica na liquidez dos agentes económicos. Uma das medidas prendeu-se com as moratórias de crédito, que permitiram suspender, temporariamente, o pagamento dos montantes em dívida, contribuindo para minimizar o incumprimento bancário num contexto de quebra de rendimentos, sobretudo nas famílias de menor poder de compra e nas empresas com maiores problemas de tesouraria.

Apesar dos incentivos ao endividamento terem sido reduzidos em virtude da contração da atividade económica em 2020, a dívida acumulada da economia do Norte junto do sistema bancário e de outras instituições financeiras e monetárias aumentou 3,7% em relação ao ano anterior. Este aumento paradoxal ficou a dever-se, sobretudo, ao adiamento das amortizações de capital durante a vigência das moratórias de crédito, uma vez que os novos empréstimos apenas aumentaram 1,3% em 2020, ainda em resultado de algum dinamismo observado no 1º trimestre do ano, antes do início da crise pandémica.

Ao mesmo tempo, e pela mesma razão associada ao contributo das moratórias, o rácio de crédito à economia vencido diminuiu para 2,2% em 2020, o valor

mais reduzido desde que existem registos estatísticos sobre o endividamento da Região.

A aparente estabilidade do sistema financeiro em 2020 – num contexto de forte intervenção pública – contrastou com o que se verificou nas crises económicas precedentes. Durante o Programa de Assistência Financeira, pese embora a redução acentuada do crédito concedido à economia do Norte, observou-se um aumento significativo do incumprimento bancário por parte dos diferentes agentes económicos. Nesse período, entre 2011 e 2013, a dívida acumulada da economia da Região diminuiu 4,0%, em média anual, enquanto o rácio de crédito à economia vencido aumentou de 4,0% para 6,5%.

O aumento do incumprimento bancário nesta fase (2011-2013) resultou da deterioração da envolvente económica e, consequentemente, do aumento do desemprego e das falências, ao mesmo tempo que pioravam os indicadores de solvabilidade. Neste período de três anos, o número de empresas com crédito vencido aumentou, em média anual, 14,1%, sendo que o montante de crédito em incumprimento aumentou 23,5% em cada um desses anos.

Em sentido contrário, nos anos seguintes até ao início da crise pandémica de 2020 observou-se uma melhoria significativa da envolvente macroeconómica da Região e do País, de modo que a aceleração do crescimento económico nessa fase contribuiu para reforçar a solvabilidade das empresas e para

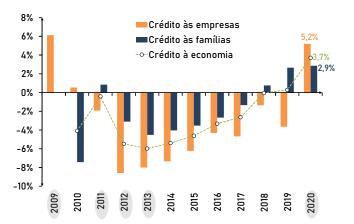


promover o emprego e o poder de compra das famílias, com resultados visíveis na redução do risco de incumprimento. Entre 2015 e 2019, o rácio de crédito à economia vencido baixou de 7,4% para 3,0%, ao mesmo tempo que se mantinha a trajetória de desalavancagem sustentável da economia do Norte. Em termos comparativos, o montante global da dívida da economia da Região situava-se em 55,3 mil milhões de euros em 2020, um valor inferior ao observado durante o Programa de Assistência Financeira (66,6 mil milhões de euros em média anual) e durante a crise financeira global de 2009 (73,7 mil milhões de euros).

A trajetória de redução do endividamento da economia do Norte ao longo da última década, para além de ter sido importante para promover um crescimento económico mais equilibrado, permitiu, igualmente, aumentar a eficácia das moratórias de crédito durante a crise pandémica de 2020. Apesar dos custos sociais e económicos deste instrumento estarem a ser transferidos para o futuro na forma de dívida, evitou-se um nova fase de incumprimento com efeitos sistémicos incalculáveis sobre o equilíbrio dos produtivo financeiro e sistemas do salvaguardando a solvabilidade das instituições e das pessoas. Realmente, com a implementação das moratórias, o rácio de crédito vencido das empresas do Norte baixou para 3,5% em 2020 (-1,6 p.p. do que em 2019). Do lado das famílias, também se observou uma evolução descendente com o mesmo indicador a atingir 1,5% em 2020 (-0,3 p.p. face a 2019).

A preocupação das autoridades nacionais em evitar uma sequência de novos incumprimentos por parte

Figura 26 - Dívida acumulada junto do sistema bancário e de outras instituições financeiras e monetárias (variação homóloga,%)

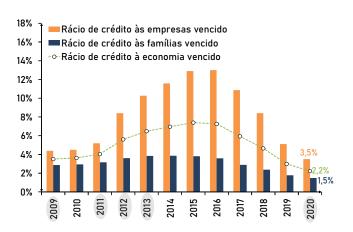


dos agentes económicos permitiu, também ressalvar indicadores importantes relacionados com o principal património das famílias. Desde logo, o rácio de incumprimento nos contratos de crédito à habitação diminuiu de 1,1% para 0,6% entre 2019 e 2020. Deste modo foi controlado o risco do incumprimento bancário gerar uma crise imobiliária com danos colaterais nas garantias das instituições financeiras e na riqueza das famílias. Já no que se refere ao crédito ao consumo e outros fins, que representa a menor fatia no endividamento total, o rácio de crédito vencido aumentou ligeiramente de 4,4% para 4,6% entre 2019 e 2020.

Em termos comparativos, na verdade, os rácios de crédito à habitação vencido não sofreram evoluções muito significativas nas crises precedentes. Entre 2011 e 2013, este indicador apenas aumentou de 1,8% para 2,0%, enquanto o rácio de incumprimento no crédito ao consumo aumentou mais acentuadamente de 9,2% para 12,8% durante o mesmo período. O menor crescimento, estrutural, do incumprimento bancário do crédito à habitação resulta do esforço que as famílias fazem em preservar o seu principal património.

Por fim, a avaliação bancária à habitação continuou a aumentar de forma expressiva em 2020 (+9,0%). Este crescimento levanta dúvidas relativamente aos fundamentos que o justificam num contexto recessão económica. Pode estar a ocorrer uma sobreavaliação bancária da habitação de forma a aumentar os ativos dos bancos num cenário em que o fim das moratórias poderá originar um aumento do incumprimento e a deterioração dos capitais dos bancos.

Figura 27 - Rácios de crédito vencido (%)





Quadro 9 - Indicadores de crédito do Norte | variação homóloga (%), exceto quando referido

	Crise Financeira Global	Progra	Pandemia (COVID-19)			
	2009	2011	2012	2013	(média anual) 2011-2013	2020
Norte						
Crédito à economia (dívida acumulada)	n.d	-0,4%	-5,5%	-6,0%	-4,0%	3,7%
Crédito às empresas (dívida acumulada)	6,1%	-1,9%	-8,6%	-8,0%	-6,2%	5,2%
Crédito às famílias (dívida acumulada)	n.d	0,8%	-3,1%	-4,5%	-2,3%	2,9%
Crédito à habitação (dívida acumulada)	n.d	1,6%	-2,2%	-3,7%	-1,4%	1,7%
Crédito ao consumo e outros fins (dívida acumulada)	n.d	-2,3%	-7,0%	-8,4%	-5,9%	7,4%
Rácio de crédito à economia vencido (%)	3,5%	4,0%	5,6%	6,5%	5,3%	2,2%
Rácio de crédito às empresas vencido (%)	4,4%	5,2%	8,4%	10,3%	7,8%	3,5%
Rácio de crédito às famílias vencido (%)	2,9%	3,2%	3,6%	3,8%	3,5%	1,5%

Fonte: Banco de Portugal

### 2. A recuperação económica de 2021

A economia do Norte tem vindo a recuperar durante o ano de 2021 num número significativo de indicadores socioeconómicos. A população empregada no 3º trimestre de 2021 aumentou para 1.729.000, o valor desde mais elevado o fim da crise pandémica. O recente dinamismo económico em 2021 permitiu à Região aumentar, inclusive, o nível de emprego face ao valor que tinha sido observado no período anterior à crise sanitária, ou seja, entre os 3º trimestres de 2019 e de 2021, a população empregada do Norte cresceu em 69.800 (+4,2%).

Neste quadro, alguns ramos de atividade do setor dos serviços têm vindo a ser a alavanca da recuperação económica do Norte para níveis superiores aos da pré-pandemia. Entre os 3º trimestres de 2019 e de

2021, os ramos de atividade com maiores aumentos do emprego foram o comércio por grosso e a retalho, incluindo, recuperação de veículos automóveis e motociclos (+34.400), a educação (+29.800) e os serviços do terciário superior (+43.200). Por seu turno, o nível de emprego das indústrias transformadoras no 3º trimestre de 2021 é praticamente igual ao do 3º trimestre de 2019.

O crescimento do emprego durante 2021 provocou, ao mesmo tempo, a queda da taxa de desemprego do Norte para 6,1% no 3º trimestre desse ano, o valor mais reduzido desde o término da crise sanitária. Este valor é, inclusive, inferior ao do período anterior à crise pandémica (3ºtrimestre de 2019), no qual a taxa de desemprego se tinha situado em 6,8%.

Figura 28 - Emprego do Norte (milhares)

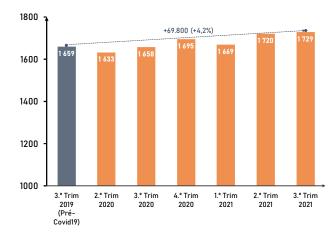
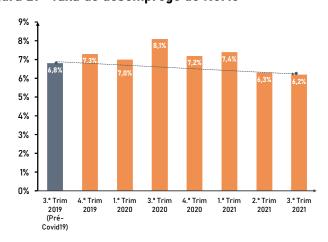


Figura 29- Taxa de desemprego do Norte





A recuperação mais significativa registou-se nos indicadores do comércio internacional, com as exportações do Norte a aumentarem acentuadamente em 2021 face aos valores observados em meados de 2020 durante pico da crise pandémica. Em termos comparativos, o valor exportado no 3º trimestre de 2021 foi superior em 41,6% ao do 2º trimestre de 2020, este último um período marcado pelo confinamento obrigatório de março e de abril em Portugal e na maioria dos principais parceiros comerciais do Norte.

Apesar das cadeias de valor internacionais ainda permanecerem parcialmente interrompidas no fornecimentos de alguns bens e serviços intermédios, o peso exportador do Norte e a experiência das empresas no comércio externo foi importante para a superação da crise pandémica. De facto, o valor das exportações no 3º trimestre de 2021 já é superior em 3,0% ao do 3º trimestre de 2019, período no qual a crise pandémica não se fazia sentir nem o funcionamento das cadeias de valor internacionais estava condicionado.

Figura 30 - Exportações de bens do Norte (valores em milhões de euros)



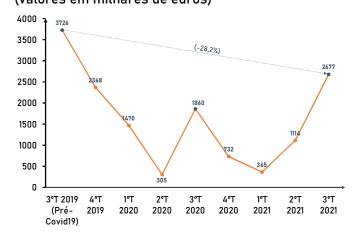
#### Conclusões

A economia do Norte, tal como a de Portugal, terá observado a maior recessão económica do período democrático em resultado do impacto negativo da crise pandémica de 2020. Contrariamente às causas que deram origem às crises económicas anteriores, num caso devido ao excesso de endividamento da economia nacional e internacional e no outro em resultado das políticas de assistência financeira que se seguiram, a crise pandémica tratou-se de um choque exógeno diferente, resultante dos efeitos de

Os indicadores do turismo do Norte também têm vindo a recuperar ao longo de 2021, refletindo a retoma da confiança dos consumidores e das empresas relativamente ao menor risco de contágio da Covid-19. Dada a sazonalidade habitualmente observada no setor, importa comparar a evolução entre períodos homólogos. Neste quadro, abarcando os principais meses de época alta, as dormidas nos estabelecimentos de alojamento turísticos do Norte no 3º trimestre de 2021 aumentaram em 43,9% face ao 3º trimestre de 2020, este último marcado pelo receio da população relativamente à evolução da crise sanitária.

Não obstante a recuperação durante 2021, os indicadores de turismo do Norte ainda se encontram num nível significativamente inferior ao registado na fase anterior à crise pandémica. Neste contexto, entre os 3° trimestres de 2019 e de 2021, as dormidas nos estabelecimentos de alojamento turístico do Norte diminuíram em 28,2%.

Figura 31 - Dormidas nos estabelecimentos de alojamento turístico do Norte (valores em milhares de euros)



um problema sanitário. Para além dos constrangimentos económicos induzidos pela crise, a restritividade social imposta para o controlo da doença provocou efeitos assimétricos significativos na Região, tanto ao nível dos setores de atividade, como das pessoas e dos territórios.

No entanto, devido à eficácia da intervenção pública através do regime de *lay-off* – que abrangeu mais de 325 mil trabalhadores do Norte em 2020 – e da aplicação das moratórias de crédito, a evolução global do mercado de trabalho do Norte foi menos grave do



que a esperada. A taxa de desemprego da Região, apenas, aumentou de 6,7% para 6,8% entre 2019 e 2020, ao mesmo tempo que a recessão económica do Norte atingia uma magnitude histórica. Em Portugal, o PIB diminuiu 8,4% em 2020 e no Norte, apesar de ainda não ser conhecido o valor da recessão económica, os sinais e os indicadores conhecidos apontam para uma queda do PIB próxima da nacional. As horas de trabalho do Norte, um indicador *proxy* do PIB, diminuíram 8,5% em 2020.

Nas crises económicas precedentes, perante a ausência de uma intervenção pública com a importância da atual, os indicadores do mercado de trabalho tiveram uma evolução bastante pior. Entre 2008 e 2013, que inclui a crise financeira internacional e a crise económica decorrente da implementação do Programa de Assistência Financeira, a taxa de desemprego do Norte aumentou de 8,6% para 17,1%, num período no qual a queda acumulada do PIB do Norte foi de 7,9%, um valor próximo da redução esperada para 2020.

Daqui decorre que a intervenção pública em 2020 terá evitado um crescimento galopante do desemprego para um nível, no mínimo, idêntico ao de 2013. Acresce que a natureza atípica da crise pandémica, num quadro de fortes restrições à mobilidade intersectorial, interregional e internacional do trabalho, poderia provocar, inclusive, um aumento do desemprego acima do limiar anteriormente referido.

Apesar desta intervenção pública ter mitigado o desemprego e reduzido as falências, a crise pandémica provocou assimetrias importantes ao nível da dinâmica dos setores de atividade que compõem a economia do Norte, com consequências positivas associadas à transição digital e ao crescimento de alguns setores, mas também com consequências negativas ligadas ao declínio de algumas atividades e ao risco do desemprego cíclico convergir para um desemprego estrutural e de longaduração.

Pela negativa, os ramos da fileira do turismo do Norte foram os mais atingidos com quedas muito significativas nos principais indicadores. As dormidas e os hóspedes diminuíram perto de 60% em 2020, sendo que as horas trabalhadas no ramo do alojamento, restauração e similares caíram 27,3% durante a mesma altura. Devido à intervenção pública

através do regime *lay-off*, o emprego neste ramo baixou a um ritmo bastante inferior (6,6%), mas ainda assim foram eliminados, em termos líquidos, 4.900 postos de trabalho.

Outras atividades económicas importantes no Norte, como as indústrias transformadoras, também foram bastante afetadas pela crise pandémica. interrupção das cadeias de valor interregionais e internacionais diminuíram a produção comercialização de bens para o mercado interno e externo, de modo que as horas de trabalho nas indústrias transformadoras baixaram em 11,0%, uma queda superior à observada no Norte como um todo. De igual modo, a intervenção pública atenuou de forma significativa a queda do emprego e a subida do desemprego neste ramo, mas em todo o caso não foi capaz de evitar a destruição de cerca de 14.350 postos de trabalho, em termos líquidos, em 2020.

Numa trajetória completamente oposta e positiva, alguns ramos de atividade pertencentes ao setor do terciário superior tiveram crescimentos muito expressivos. As atividades de informação e de comunicação registaram, simultaneamente, um aumento das horas de trabalho e do emprego em 15,5% e em 31,1%, respetivamente, aproveitando a procura dirigida a este ramo com vista à digitalização da economia em contexto de crise. Este ramo mais o das atividades financeiras e de seguros, atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares e atividades administrativas e dos serviços de apoio criaram, em termos líquidos, 29.625 postos de trabalho, em 2020, no Norte.

Ao nível das pessoas, a crise pandémica também acentuou algumas desigualdades importantes. As taxas de desemprego nos grupos etários de mais jovens foram as únicas que aumentaram entre 2019 e 2020. Nos indivíduos dos 15 aos 24 anos, o valor subiu de 16,7% para 19,4%, e nos dos 25 aos 34 anos o crescimento foi de 6,0% para 9,5%. As assimetrias não foram apenas visíveis ao nível dos diferentes grupos etários. A crise pandémica acelerou a procura de recursos humanos com mais anos de escolaridade, de forma que a população empregada com o ensino superior aumentou em 34.425, em claro contraste com a redução registada nos trabalhadores com o ensino secundário e pós-secundário (-8.300) e nos trabalhadores com o nível de escolaridade completo até ao 3º ciclo do ensino básico (-30.250).



oportunidades transição económica, As da tecnológica e digital que resultaram da crise pandémica podem, também, aumentar os riscos sociais decorrentes de um enviesamento dos benefícios da tecnologia para os recursos humanos mais qualificados. Esta ameaça será tanto maior, quanto mais rápida for a transição tecnológica e quanto mais lenta for a dinâmica de reconversão da mão-de-obra disponível. Este desfasamento entre a procura e a oferta de novas competências tende a ser mitigado através do alargamento da base de conhecimento (educação e formação) a todas as pessoas e territórios, assim como pela atração de empresas para setores de atividade com curvas de aprendizagem reduzidas.

Ao nível do comércio internacional, os dados obtidos também foram de, algum modo surpreendentes. Durante a crise pandémica de 2020 as exportações do Norte observaram uma redução de 10,1% num contexto global de interrupção das cadeias de valor internacionais. Em termos comparativos, no entanto, esta redução foi significativamente menor do que a observada durante a crise financeira global de 2009, na qual as exportações do Norte diminuíram em 18,3%. A maior resiliência das exportações da Região em contexto de crise pandémica explica-se pela rápida recuperação durante os períodos seguintes aos confinamentos obrigatórios.

Na crise económica resultante da implementação do Programa de Assistência Financeira, as exportações de bens do Norte tiveram um comportamento bastante positivo, ao observarem um crescimento médio anual de 7,0% entre 2011 e 2013, em contraciclo com a recessão económica da Região. Este período foi ainda assinalado por um forte crescimento das exportações de bens de capital e pela estagnação das importações de bens.

Esta publicação mostrou que as moratórias tiveram um impacto significativo na redução do risco de incumprimento dos agentes económicos do Norte. De facto, os rácios de crédito vencido das empresas e das famílias atingiram um valor historicamente reduzido em 2020 em contexto de crise. Apesar das moratórias serem, na prática, uma transferência de custos na forma de dívida para o futuro, ao evitar-se incumprimento aumento do no salvaguardou-se o equilíbrio do sistema financeiro nacional e do sistema produtivo do Norte. Nos próximos anos, num quadro de um aumento do crescimento económico e dos instrumentos de capitalização das empresas, do reforco competitividade e da solvabilidade destas últimas será um fator importante para suavizar o esforço de liquidez que vai ser necessário para amortizar a dívida acumulada durante a crise pandémica.

O ano 2021 marcou a recuperação da economia do Norte face a 2020, sendo que os valores registados nos principais indicadores já superaram os observados no período anterior à crise pandémica (2019). O emprego e as exportações de bens encontram-se nesta situação, enquanto os indicadores do turismo ainda situam-se num nível bastante inferior ao da pré-pandemia.

#### **NORTE ESTRUTURA**

CENTRO DE ESTUDOS DO TERRITÓRIO E DA REGIÃO Direção de Serviços de Desenvolvimento Regional

Coordenação técnica: Vasco Leite

Equipa técnica: Ana Correia e Josefina Gomes

Contactos: Gabinete de Marketing e Comunicação: gabinete.comunicação@ccdr-n.pt